

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS**

AMANDA CARALP VERES

**DIRETRIZES PARA A IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE UMA RESERVA
TÉCNICA NO MUSEU DA PROVÍNCIA DOS CAPUCHINHOS DE MINAS GERAIS**

BELO HORIZONTE

2024

AMANDA CARALP VERES

**DIRETRIZES PARA A IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE UMA RESERVA
TÉCNICA NO MUSEU DA PROVÍNCIA DOS CAPUCHINHOS DE MINAS GERAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Conservação e Restauração.

Orientador: Willi de Barros Gonçalves

BELO HORIZONTE

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Dr. Willi de Barros Gonçalves por compartilhar seu conhecimento ao longo de todo o processo.

À professora Anamaria Lopes Camargos pelos esforços, colaboração e amizade.

À Província dos Frades Menores Capuchinhos de Minas Gerais, na pessoa do Frei Adriano César de Oliveira, que confiou no meu trabalho e disponibilizou os recursos necessários para a realização desta pesquisa.

Ao meu companheiro Duane Henrique pelo incentivo e à minha mãe Eliana Caralp pelo apoio.

Aos meus amigos e colegas de curso, que estiveram ao meu lado durante essa jornada acadêmica.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estabelecer diretrizes para a implantação e organização de uma Reserva Técnica no Museu da Província dos Capuchinhos de Minas Gerais (MPCMG), situado no Convento Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, em Belo Horizonte. Para tal, foi utilizado o Método RE-ORG, desenvolvido pelo ICCROM, projetado para auxiliar museus na reorganização e otimização de seus espaços de armazenamento. A metodologia abrange uma análise detalhada das condições atuais do acervo e do espaço, seguida pela definição de recomendações para adequações espaciais, aquisição e ocupação de mobiliário apropriado e transferência do acervo.

Palavras-chave: Reserva Técnica, Método RE-ORG, Conservação Preventiva.

ABSTRACT

This work aims to establish guidelines for the implementation and organization of a Storage Room at the Museu da Província dos Capuchinhos de Minas Gerais (MPCMG), located in the Convento Nossa Senhora do Rosário da Pompeia, in Belo Horizonte. To this end, the RE-ORG Method, developed by ICCROM, was used, designed to assist museums in reorganizing and optimizing their storage spaces. The methodology includes a detailed analysis of the current conditions of the collection and the space, followed by the definition of recommendations for spatial adjustments, acquisition and placement of appropriate furniture, and transfer of the collection.

Keywords: Storage Room, RE-ORG Method, Preventive Conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia.....	13
Figura 2 - Mapa demonstrando a distância do convento da área central de Belo Horizonte.	18
Figura 3 - Quarteirão onde se localiza o MPCMG.....	18
Figura 4 - Rachadura no piso do claustro criada pela infiltração da água da piscina.....	19
Figura 5 - Sala do Museu.....	20
Figura 6 - Planta parcial do 3º pavimento mostrando a localização do museu.....	21
Figura 7 - Planta parcial do 3º pavimento mostrando a sala do Museu.....	22
Figura 8 - Telhado do museu e parede interna de igreja com infiltração.....	23
Figura 9 - Mobiliário do Museu.....	24
Figura 10 - Extintor A e hidrante de parede.....	25
Figura 11 - Dedicatória no verso de pintura doada ao MPCMG.....	26
Figura 12 - Parte do acervo que se encontra distribuído pelo convento.....	27
Figura 13 - Variedade de tipologias de materiais presentes no acervo do MPCMG.....	27
Figura 14 - Estandarte com furos e manchas de umidade.....	28
Figura 15 - Componentes a serem considerados no processo de reorganização.....	31
Figura 16 - Fluxograma do protocolo de diagnóstico de conservação de coleções.....	33
Figura 17 - Camadas de envoltório.....	34
Figura 18 - Infiltrações no edifício do convento.....	38
Figura 19 - Infiltração na reserva técnica.....	39
Figura 20 - Mobiliário e embalagem do acervo.....	40
Figura 21 - Planta parcial do 1º pavimento mostrando a localização da nova RT.....	42
Figura 22 - Detalhes da RT.....	43
Figura 23 - Portas de acesso à RT.....	44
Figura 24 - Vista panorâmica da sala da RT.....	45
Figura 25 - Parede externa do edifício do Convento.....	46
Figura 26 - Sistema atual de iluminação.....	48
Figura 27 - Modelo de aparelho que possui as funções de termo-higrômetro e datalogger..	49
Figura 28 - Mobiliário sugerido.....	50
Figura 29 - Itens anômalos em destaque.....	51
Figura 30 - Propostas de leiaute da sala da RT.....	52
Figura 31 - Acervo do MPCMG.....	53
Figura 32 - Interior da sala São Félix.....	56
Figura 33 - Rota sugerida para a movimentação do acervo no 3º andar.....	57
Figura 34 - Rota sugerida para a movimentação do acervo no 3º andar.....	57

TABELAS

Tabela 1 - Critérios adotados para interpretação da pontuação global resultante do protocolo de diagnóstico de conservação de coleções.....	35
Tabela 2 - Resultados obtidos a partir do Roteiro Simplificado para o Diagnóstico de Condições de Conservação de Coleções.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCPac - Centro Cultural Capuchinho

CCRBCM - Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis

ICOM-CC - International Council of Museums - Committee for Conservation

ICCROM - International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LACICOR - Laboratório de Ciência da Conservação

LACONPRE - Laboratório de Conservação Preventiva

LaboRe - Laboratório de Conservação-Restauração de Escultura

LaGrafi - Laboratório de Conservação-Restauração de Documentos Gráficos e Fílmicos

LAP - Laboratório de Conservação e Restauração de Pinturas

MPCMG - Museu da Província dos Capuchinhos de Minas Gerais

OFMCap - Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

PROCAMIG - Província dos Frades Menores Capuchinhos de Minas Gerais

SEBEC - Secretariado de Bens Culturais

RT - Reserva Técnica

UV - Ultravioleta

Vademecum - Vademecum para os Bens Culturais da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	6
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - O Museu da Província dos Frades Menores Capuchinhos (MPCMG).....	12
1.1 A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.....	12
1.1.1 Os Capuchinhos e a preservação de seu patrimônio.....	14
1.2 O edifício do convento e seu entorno.....	17
1.3 A sala do Museu.....	20
1.4 O Acervo do MPCMG.....	25
CAPÍTULO 2 - Referencial teórico e metodologia.....	29
2.1 Diagnóstico.....	32
2.2. Resultados e discussão da avaliação diagnóstica.....	35
2.3 Condições atuais do espaço reservado para a RT.....	41
CAPÍTULO 3 - Diretrizes para o Plano de Ação de implantação e organização da nova RT	47
3.1 A preparação da RT.....	47
3.2 Mobiliário.....	49
3.3 Protocolo de transferência do acervo.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

INTRODUÇÃO

O Museu da Província dos Capuchinhos de Minas Gerais (MPCMG), está situado na Província dos Franciscanos Capuchinhos de Minas Gerais (PROCAMIG), no Convento Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, em Belo Horizonte. Este museu representa um importante espaço cultural e histórico, e abriga um acervo diversificado que foi reunido ao longo de 38 anos. Entre os itens que compõem este acervo, encontram-se bens artísticos, religiosos, culturais, bibliográficos e documentais.

Em 2019, com o objetivo de garantir a preservação desse acervo, foi formada uma equipe multidisciplinar para avaliar as condições de conservação dos bens culturais da PROCAMIG. Este esforço resultou, em 2022, na criação do Secretariado de Bens Culturais (SEBEC) e do Centro Cultural Capuchinho (CCCap), que assumiram a responsabilidade pela preservação e administração do acervo no convento. Além disso, o MPCMG estabeleceu parcerias importantes com a Arquidiocese de Belo Horizonte, que está realizando o inventário de seus bens, e com o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (CCRBCM) da UFMG, que colabora na restauração de obras em papel, pinturas, têxteis e esculturas provenientes do museu.

Atualmente, o acervo do MPCMG está acondicionado em uma sala no terceiro andar do convento. Considerando, porém, sua relevância não apenas como patrimônio religioso, mas também histórico e cultural, torna-se imprescindível a criação de um espaço mais seguro e adequado para sua conservação. A fim de proteger o acervo contra danos causados por fatores ambientais, biológicos, físicos e humanos, surge a necessidade de estabelecer uma Reserva Técnica (RT) para o acervo.

O conceito moderno de RT se afasta da ideia de depósitos superlotados, propondo espaços que garantam a preservação dos objetos, além de facilitar o acesso, a movimentação e a exposição das coleções. Esses espaços devem atender a critérios rigorosos de funcionalidade, acessibilidade, consulta, preservação e segurança. Uma pesquisa conduzida pelo Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauração de Bens Culturais (ICCROM), em 2011, revelou que muitos museus enfrentam desafios significativos em relação ao armazenamento

adequado de suas coleções, como superlotação, falta de segurança e riscos à preservação dos itens.

Para o MPCMG, a sala escolhida para se transformar em sua RT encontra-se no primeiro andar do convento e precisará passar por adequações para acomodar o acervo de forma apropriada. A proposta deste projeto é a avaliação diagnóstica da situação atual e a elaboração de um roteiro detalhado para a transferência e acomodação do acervo. No entanto, aspectos arquitetônicos relacionados à adaptação dos materiais construtivos não foram abordados em profundidade neste trabalho. As diretrizes para a transferência dos bens e a organização da Reserva Técnica foram orientadas pela Metodologia RE-ORG.

O RE-ORG tem sido desenvolvido pelo ICCROM desde 2011 e é uma metodologia projetada para auxiliar museus na reorganização e otimização de seus espaços de armazenamento (RTs). O objetivo do RE-ORG está na melhoria da organização, segurança e acessibilidade das coleções, utilizando recursos limitados e soluções criativas, o que será fundamental para a execução deste projeto. O Método RE-ORG compreende procedimentos em quatro etapas: Preparação, Relatório sobre a situação (diagnóstico), Plano de ação e Implementação. O presente trabalho seguiu apenas até a terceira fase, visto que pretende auxiliar a instituição com sugestões e embasamento teórico para seu futuro projeto prático (ICCROM, 2021).

O diagnóstico foi realizado a partir do Questionário de Autoavaliação disponibilizado pelo RE-ORG e do Roteiro para o diagnóstico de condições de conservação de coleções, elaborado por Gonçalves (2020). Os dois questionários foram utilizados para a criação de um panorama das condições em que se encontram a instituição, o local de guarda do acervo e o próprio acervo.

Com base no diagnóstico realizado, foram elaboradas diretrizes para orientar a transferência do acervo da sala atual para a nova localização no primeiro andar. Essas diretrizes incluem recomendações para a adequação do novo espaço, assegurando que ele atenda às condições necessárias para a preservação do acervo.

O objetivo principal deste trabalho, portanto, é a criação de diretrizes que orientem a instituição na implantação e organização de uma reserva técnica no MPCMG.

A escolha deste tema se justifica pela relevância e valor histórico do acervo localizado MPCMG para a comunidade atendida pela PROCAMIG. O convênio entre essa instituição e a UFMG permitirá o aporte de recursos técnicos e humanos, além de oferecer a visibilidade necessária ao acervo. Além disso, o tema do trabalho está diretamente relacionado ao percurso acadêmico da autora durante sua graduação no CCRBCM, reforçando a importância e o alinhamento da pesquisa com sua formação.

O primeiro capítulo oferece um panorama histórico da instituição e explora sua relação com o patrimônio histórico. Utiliza-se o conceito de camadas de envoltório para descrever o convento, a sala que abriga o acervo e os próprios bens que o compõem.

O segundo capítulo expõe o referencial teórico e a metodologia adotada para fundamentar a pesquisa. São apresentados e analisados os resultados obtidos a partir dos questionários aplicados à instituição, além de uma avaliação detalhada da sala que será designada como futura RT.

O terceiro capítulo estabelece as diretrizes necessárias para a implantação e organização da RT, detalhando as melhorias necessárias para a adequação da sala do primeiro andar, o tipo de mobiliário apropriado e a rota mais eficiente para a transferência do acervo.

CAPÍTULO 1 - O Museu da Província dos Frades Menores Capuchinhos (MPCMG)

O MPCMG, situado na PROCAMIG, em Belo Horizonte, contém um valioso acervo histórico e artístico acumulado ao longo de 38 anos, incluindo bens artísticos, religiosos, culturais, bibliográficos e documentais. Atualmente, o convento passa por reformas, com o intuito de modernizar suas instalações e adaptar o espaço às suas necessidades, com o objetivo de melhorar tanto a preservação do acervo quanto as condições de vida dos moradores. Para compreender a importância desse espaço e de suas obras, é fundamental analisar e aprofundar-se em suas origens, nas condições das instalações e no envolvimento desta frente à comunidade.

1.1 A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

A Ordem Franciscana surge em 1209, criada por São Francisco de Assis, destacando-se por seu compromisso com a simplicidade e a mendicância, que deve estar combinada a uma atividade secular de assistência e sacerdócio. Esta mesma deve, também, ser voltada principalmente para os pobres e desassistidos do mundo (Barros, 2011) .

Ela se divide em várias ordens, como a Ordem dos Frades Menores, de onde se origina a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap). Esta surgiu na Itália por volta de 1528, após uma reforma que buscava a retomada dos hábitos pregados por São Francisco, um tanto dispersos dentro da Ordem Franciscana nos séculos seguintes à sua fundação. A designação “menores”, no vocabulário político das comunas italianas da época era destinada às categorias da população tidas como inferiores ou que estavam excluídas do poder. Barros (2011) endossa sua proximidade com os leigos:

Pela primeira vez, um grupo de membros da Igreja cristã, que a seu tempo receberiam a legitimidade do reconhecimento papal, apresentava-se como “pobres” aos próprios pobres, recusando-se simultaneamente a “fugir ao mundo” como haviam feito diversos monges de sua época, e a assumir até mesmo a segurança que poderia lhes proporcionar a habitual estrutura da Igreja tradicional, uma Instituição que constituía certamente uma das maiores forças de riqueza e poder (Barros, 2007, p. 27).

A vertente Capuchinha foi aprovada pelo Papa Clemente VII, em 1528, e seus membros se espalharam pela Europa e Américas, chegando no Brasil por meio dos

Capuchinhos franceses que desembarcaram em Pernambuco em 1612, iniciando a catequização de indígenas. Foram posteriormente expulsos pela coroa portuguesa, que na época adotava uma política de soberania absoluta sobre suas terras (Zagonel, 2001).

No ano de 1705 os capuchinhos italianos foram chamados pela coroa portuguesa para retomar o trabalho missionário e pastoral entre os povos indígenas; assim como entre os colonos portugueses. Até o final do século, os capuchinhos já haviam se estabelecido em várias partes do Brasil, ajudando na fundação e desenvolvimento de vilas e aldeias, propagando o catolicismo e também atuando em áreas como educação, saúde e assistência social.

A OFMCap inicia sua missão oficial em Minas Gerais no ano de 1936, mas sua participação na formação religiosa local remonta ao século XVI, com expedições catequistas formadas pelos “frades ambulantes”, que percorreram o interior do Estado, realizando obras sociais e benfeitorias, tendo participado na criação de assentamentos que futuramente se transformaram em cidades de grande importância (Rosa, 2020).

No ano de 1939, a Ordem chegou à Belo Horizonte, se estabelecendo no bairro Parque Cidade Jardim, atual bairro Pompeia, onde foi erguido o convento e a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia (Figura 1), se tornando sede administrativa da Ordem no estado de Minas Gerais.

Figura 1 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia.



Fonte: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2024

A relação da OFMCap com a região e sua comunidade vem de suas obras sociais, sejam espalhadas pelo bairro ou dentro do espaço do convento, que possuem caráter educacional, assistencial e espiritual. Dentre as mais notáveis, está a instalação de um lactário em 1949, que fornecia leite e alimentos para famílias e acompanhamento de saúde infantil, com o objetivo de combater a desnutrição e promover práticas alimentares saudáveis, além de um hospital, fundado em 25 de agosto de 1970, que ocupava o terceiro andar do edifício do convento, espaço que foi alugado para médicos voluntários. No momento de sua instalação, era o único centro médico e cirúrgico da região e funcionou por oito anos no local (Santiago, 2007).

Nos anos seguintes, foi fundada uma escola profissionalizante gratuita que capacitava jovens e adultos para o mercado de trabalho. Além disso, foram criadas diversas creches, uma farmácia e lares para crianças. Práticas como a promoção de eventos culturais, como festas, teatros e concertos, ajudaram a enriquecer a vida cultural do bairro. Foi criado, também, o Cine Pompeia, um cinema com capacidade para 200 pessoas, que exibia filmes para a comunidade. Os freis capuchinhos ainda incentivaram a prática de esportes entre os jovens, organizando campeonatos e treinamentos esportivos.

A inconsistência de verbas e a falta de interesse por parte de instituições públicas dificultaram a manutenção desses projetos e, apesar dos desafios, o convento continua sendo um pilar essencial para a região, congregando a comunidade local em ações sociais e culturais significativas à população presente em seu entorno.

1.1.1 Os Capuchinhos e a preservação de seu patrimônio

A Igreja, desde os primeiros séculos, utilizou e promoveu as artes para expressar sua missão, enriquecendo a vida eclesial e civil, e, assim, inspirou a documentação da sua tradição, criando um vasto patrimônio histórico e artístico baseado na espiritualidade cristã e na ação pastoral (Rodrigues, 2017). Os valores do patrimônio cultural, entretanto, estão sujeitos a mudanças decorrentes do tempo, influenciados por transformações sociais, políticas e econômicas. A maneira como esses valores são percebidos e avaliados pode, portanto, evoluir conforme novas interpretações e contextos emergem.

[...] Os bens culturais da Igreja nascem como bens “cultuais”, ligados ao culto, à fé, ao louvor de Deus. [...] participam integralmente da missão evangelizadora da comunidade eclesial, dando continuidade à encarnação da ação divina na linguagem humana. O patrimônio cultural da Igreja, portanto, tornou-se um sinal das aspirações religiosas dos indivíduos e das coletividades, de modo a constituir um bem eclesial de importância primária, ordenando à inculturação cristã, ao anúncio evangélico, ao culto divino e à obras de caridade. (Rodrigues, 2017)

A avaliação dos valores patrimoniais deve levar em conta não apenas critérios objetivos, mas também a subjetividade das experiências religiosas dos indivíduos envolvidos.

Promulgado em 2011, o *Vademecum* para os Bens Culturais da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (Curia Generalis, 2017), publicado pela OFMCap, é considerado um compêndio internacional, normativo e formativo, destinado à proteção, preservação e gestão dos bens culturais pertencentes à Ordem. As novas diretrizes passaram por um período de testes e aperfeiçoamentos que durou três anos. Após esse período, o documento atualizado foi amplamente divulgado entre os membros da Ordem responsáveis pelo cuidados aos Bens Culturais de sua paróquia. Espera-se que o documento continue a ser aperfeiçoado e atualizado a partir de seu uso em diferentes locais e acervos pertencentes à OFMCap.

A implementação das diretrizes do *Vademecum* procura assegurar a proteção dos bens culturais contra os efeitos deletérios do tempo e da negligência, adotando uma abordagem científica que inclui aspectos como a integridade e a autenticidade dos objetos culturais.

Embora o documento não mencione o termo ‘Reserva Técnica’, são listadas normativas internas da OFMCap referentes à infraestrutura dos locais de salvaguarda, salientando a necessidade da presença de sistemas de gerenciamento ambiental, uso de mobiliário adequado ao armazenamento dos bens culturais e rotinas de manutenção e limpeza dos locais, espaços e bens (Curia Generalis, 2017).

A PROCAMIG iniciou suas políticas de salvaguarda dos bens culturais na década de 1980. No mesmo período, em 6 de fevereiro de 1986, foi inaugurado o MPCMG, formado por documentos oficiais, objetos eclesiais e pessoais que foram, ao longo do tempo, agregados ao acervo pelos frades pertencentes à Ordem. Sobre o conceito de Museu, o *Vademecum* define que:

É uma estrutura permanente que recolhe, classifica, conserva, ordena e expõe bens histórico-artísticos para finalidade de educação e de estudo. Os museus estão a serviço da Ordem, da Igreja e da sociedade, e acolhem materiais que testemunham a vida e a presença capuchinha, a cultura e a evangelização nos ambientes da presença capuchinha. (CURIA GENERALIS, 2017)

Nos últimos 38 anos, a coleção se multiplicou pelo edifício do convento. Em 2019, foi formada uma equipe de trabalho multidisciplinar para elaborar um diagnóstico do estado de conservação de seus bens culturais. Essa equipe iniciou o levantamento dos itens pertencentes à coleção a fim de identificar e priorizar as necessidades relativas ao acervo. Em 2022, instituiu-se o Secretariado de Bens Culturais (SEBEC) e foi criado o Centro Cultural Capuchinho (CCCap), uma instituição legalmente responsável pela preservação e administração do conjunto de bens culturais, sediado no Convento Nossa Senhora do Rosário de Pompeia.

O CCCap é integrado por um arquivo histórico, que mantém documentos gerados pela Província, uma vasta biblioteca aberta à comunidade. Ele é formado, também, pelo MPCMG, que abriga um variado acervo de itens que traduzem a história da Ordem na Província Nossa Senhora da Piedade.

Desde sua inauguração, o acervo do MPCMG foi cuidado pelo Frei Thiago¹ Santiago (1922-2017), com ajuda dos religiosos da casa. Após o falecimento do responsável, o museu passou para os cuidados do Secretariado de Bens Eclesiásticos e Culturais, contando com profissionais das áreas de conservação e restauração, museólogos, historiadores, além dos religiosos da província; atuando de forma voluntária.

Importantes parcerias foram firmadas com CCRBCM da Escola de Belas Artes da UFMG, fomentando a pesquisa em torno do acervo, seu conhecimento e valoração. Documentos da província, livros, esculturas devocionais e pinturas de cavalete estão passando pelo processo de restauro no Laboratório de Conservação-Restauração de Documentos Gráficos e Fílmicos (LaGrafi), no Laboratório de Conservação- Restauração de Escultura (LaboRe) e no Laboratório de Conservação e Restauração de Pinturas (LAP). O convênio entre as duas instituições gerou oportunidades únicas de aprendizado para os estudantes do CCRBCM, sendo esta monografia a primeira a resultar dessa parceria.

¹ Frei Thiago Santiago, nascido em São Domingos da Prata em 01 de maio de 1922, entrou para a OFMCap em 1958. Durante seus anos como morador do convento, exerceu funções de “cooperador, pároco, guardião, diretor do Colégio, secretário provincial, arquivista, responsável pelo Museu e assistente da OFS” [...] (Santiago, 2000). Frei Thiago faleceu aos 95 anos em 25 de junho de 2017.

1.2 O edifício do convento e seu entorno

O Dicionário do Patrimônio Cultural criado pelo IPHAN define que um convento:

[...] é um complexo arquitetônico que se caracteriza, basicamente, pela presença da igreja da ordem regular (frades e freiras), capela da Ordem Terceira (leigos) e moradia dos religiosos; esta última composta pelos ambientes necessários às práticas espirituais e de natureza mundana: portaria, Sala do Capítulo, claustro, cozinha, refeitório, celas, enfermaria, biblioteca, latrinas, entre outros. (Magalhães, 2015)

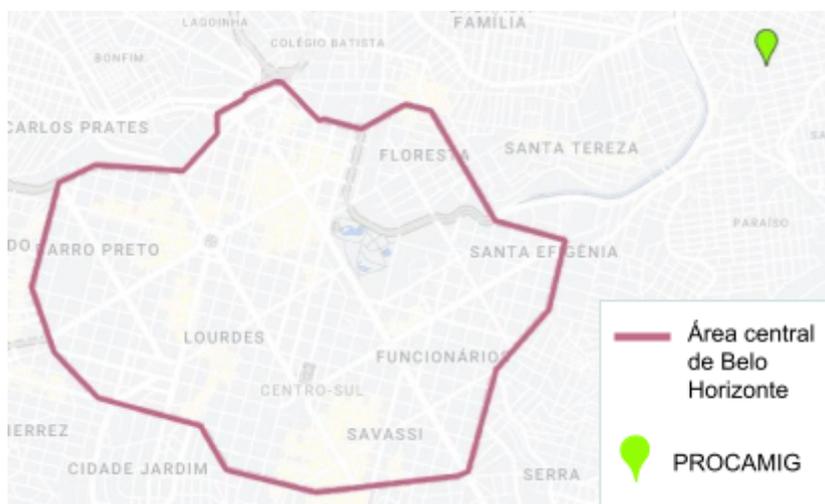
Para se adequar a essa definição, o edifício que abriga a PROCAMIG passou por diversas reformas. Estas intervenções estruturais e estéticas foram realizadas com o objetivo de modernizar e ampliar suas instalações. Atualmente, porém, o edifício possui todos os problemas de uma construção que não foi originalmente pensada para abrigar um museu e seu acervo. Entre os problemas mais significativos estão as deficiências estruturais, como a elevada umidade das paredes, que favorece o crescimento e proliferação de colônias de fungos. Além disso, o sistema hidráulico necessita de uma atualização a fim de evitar problemas sérios no futuro.

Por definição, um convento serve de moradia a membros de uma ordem religiosa, portanto, é necessário que se leve em conta que esses riscos também afetam os moradores do local. Concomitante à redação deste trabalho, o edifício passa por reformas que pretendem melhorar a qualidade de vida de seus moradores e o acondicionamento de seu acervo. O terceiro andar será dedicado exclusivamente aos moradores do convento. O museu, atualmente localizado neste andar, será transferido para o primeiro andar, onde será instalado em uma sala com estruturas técnicas mais adequadas à conservação das obras..

O Convento dos Capuchinhos, situado na Rua Iara, 171, no bairro Pompeia, em Belo Horizonte, representa atualmente um marco histórico e cultural significativo para a comunidade local. No ano de 1934, quando os Capuchinhos chegaram à região, Belo Horizonte havia sido fundada há apenas 37 anos, e seu projeto inicial de urbanização abrangia somente a área hoje delimitada pela Avenida do Contorno. Como é costume da Ordem, seus representantes se instalaram em uma área periférica (Figura 2), a cerca de 5 quilômetros do centro urbano, onde poderiam levar

assistência social e espiritual às pequenas comunidades que surgiam em torno da cidade.

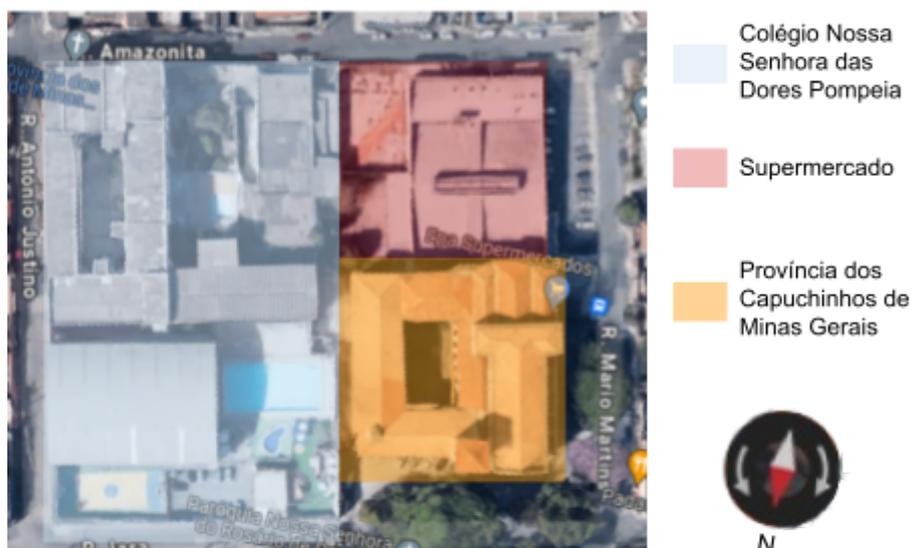
Figura 2 - Mapa demonstrando a distância do convento da área central de Belo Horizonte



Fonte: Google Maps, editado pelo autor, 2024

O espaço, que começou como uma capela e um galinheiro adaptado para ser a moradia dos frades, cresceu junto com o bairro. O quarteirão em que o convento está localizado (Figura 3) também abriga um supermercado e o Colégio Nossa Senhora das Dores, mantido pela Congregação de São João Batista.

Figura 3 - Quarteirão onde se localiza o MPCMG



Fonte: Google Maps, editado pelo autor, 2024.

O acervo histórico, artístico e religioso localizado no convento está sujeito à ação de fatores externos, como a poluição gerada pela intensa circulação de veículos no bairro. Essa situação é intensificada pela localização do convento em vias de grande importância para a região, o que aumenta o fluxo de transporte público e provoca tremores que, com o tempo, podem comprometer a integridade estrutural do edifício.

Outro fator que coloca o acervo em risco é a proximidade do prédio com duas piscinas situadas no Colégio Nossa Senhora das Dores, há poucos metros das salas do arquivo, biblioteca e laboratório de conservação preventiva. O convento já sofreu com o vazamento da água da piscina, que se infiltrou nas fundações da construção, comprometendo o solo e as paredes do edifício (Figura 4). Atualmente esse problema foi resolvido e a tubulação das piscinas foi renovada, mas este histórico se apresenta como um risco para o acervo.

Figura 4 - Rachadura no piso do claustro criada pela infiltração da água da piscina



Fonte: Amanda Caralp, 2024.

A urbanização do bairro resultou na substituição da maior parte da vegetação que anteriormente circundava o convento por residências, edifícios e estabelecimentos comerciais. A praça situada em frente ao convento, no entanto, ainda preserva algumas árvores de grande porte e diversos canteiros com plantas. O convento também possui vegetação interna localizada no jardim no centro do claustro. Esse espaço passa por manutenção periódica de corte do gramado, controle de pragas e regas feitas por sistemas automáticos, mas isso não impede

totalmente a proliferação de insetos e o surgimento de pequenos animais no ambiente.

A segurança do edifício é feita por alarmes e câmeras de monitoramento, localizadas na portaria e garagem. Na portaria também funciona uma loja de souvenirs e vinhos, onde uma recepcionista faz o atendimento ao público. Fora dos horários de celebrações, é por esta recepção que os fiéis têm acesso à igreja, através de uma porta lateral. Uma das entradas para o claustro está localizada ao fundo deste cômodo, e sua porta é equipada com uma fechadura eletrônica que pode ser operada tanto por chave quanto por um botão localizado no guichê da recepção. Futuramente, a biblioteca será reaberta para o uso livre dos membros da comunidade, que poderão acessar as dependências do convento.

1.3 A sala do Museu

O acervo do Museu se encontra atualmente organizado em uma sala no terceiro andar do convento, espaço que, inicialmente, foi criado para ser usado como enfermaria no antigo hospital voluntário, já desativado e não mais utilizado. No entanto, ainda há uma enfermaria em funcionamento neste pavimento, onde são atendidos os freis idosos residentes no convento.

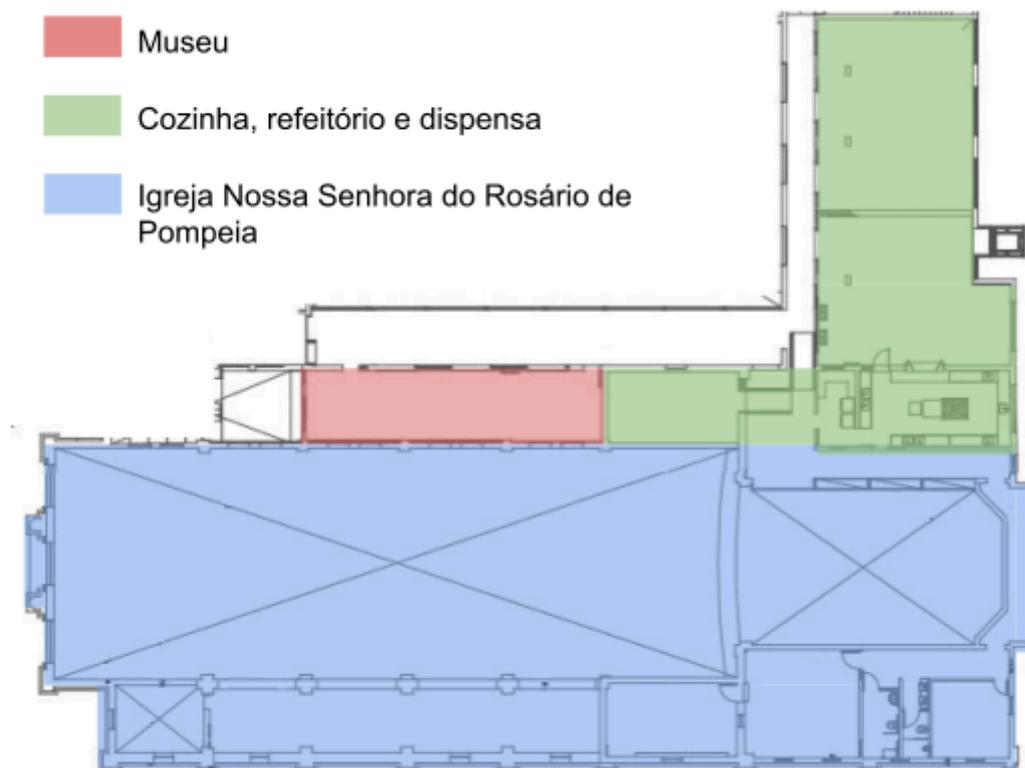
Figura 5 - Sala do Museu



A sala (Figura 5) é considerada pelo MPCMG como museu, embora não possua as características desejáveis para manter o acervo em boas condições a longo prazo em conformidade com o *Vademecum*.

As dimensões do espaço são de 20,56 metros de comprimento por 3,86 metros de largura e um pé direito de 2,87 metros. O piso é revestido de madeira e as paredes são de alvenaria. Possui quatro janelas do tipo basculante, três delas voltadas para uma varanda coberta e uma voltada para uma área externa descoberta. É separada em seções por divisórias em gesso que foram aproveitadas para distribuir as peças do acervo de acordo com sua tipologia. A sala está localizada ao lado da cozinha e do refeitório (Figura 6) onde os moradores do local fazem suas refeições diariamente. O principal acesso ao espaço se dá por meio de corredor dos quartos dos freis idosos, comprometendo os tratamentos de saúde e a privacidade dos mesmos.

Figura 6 - Planta parcial do 3º pavimento mostrando a localização do museu



Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

Figura 7 - Planta parcial do 3º pavimento mostrando a sala do Museu

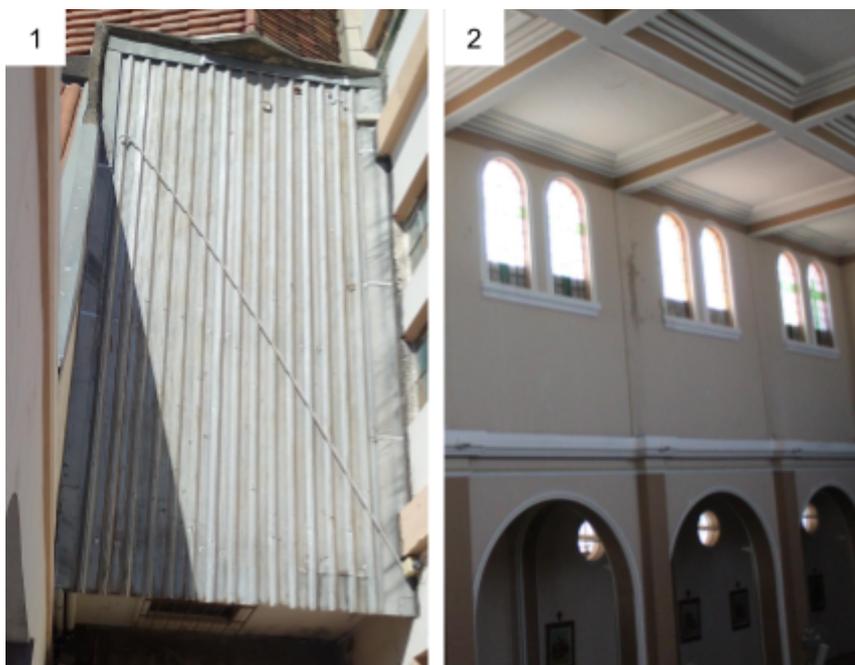


Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

Sobre a segurança do acervo, o acesso ao museu é controlado, sendo que apenas dois responsáveis detêm as chaves da porta de entrada. Todas as janelas são equipadas com grades externas. A sala, entretanto, não possui câmeras de segurança; estas estão presentes apenas nas entradas principais do convento.

Em termos de infraestrutura, há alguns aspectos que afetam diretamente a preservação do acervo do museu. Um dos principais problemas é a infiltração de águas pluviais proveniente da cobertura e da janela voltada para a área descoberta mostrada na Figura 7, gerando umidade em excesso nos períodos de chuva e propiciando o aparecimento de colônias de fungos. As infiltrações são facilitadas pelo teto de gesso coberto por laje de telhas galvanizadas (Figura 8 - 1) e pela pouca eficiência do sistema de escoamento de água de chuvas na área descoberta, permitindo o empoçamento de água no local. Como o cômodo foi construído ao lado da igreja, água empoçada no telhado se infiltra para dentro da igreja (Figura 8 - 2), causando transtornos nos dois edifícios.

Figura 8 - Telhado do museu e parede interna de igreja com infiltração



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

Como a climatização do espaço depende da ventilação natural, o acervo está exposto a variações de temperatura e umidade. Durante os períodos de seca, entre maio e agosto, a ausência de umidade pode causar o ressecamento de materiais sensíveis, como papel e madeira. Já nos períodos chuvosos, entre novembro e março, a umidade relativa do ar aumenta significativamente, agravando os problemas de mofo e fungos. O piso de madeira também é afetado pela umidade, podendo potencializar a infestação de insetos xilófagos. Ele também apresenta tábuas soltas e frouxas, possibilitando a ocorrência de acidentes durante o manuseio das peças.

Para a iluminação do espaço, são utilizadas lâmpadas incandescentes e fluorescentes. As primeiras emitem uma quantidade significativa de calor e radiação infravermelha e as segundas de radiação ultravioleta (UV), podendo causar danos aos objetos compostos por materiais fotossensíveis, como papel, têxteis, e materiais orgânicos. A emissão de UV pelas lâmpadas fluorescentes pode contribuir para o desbotamento e a fotodegradação de pigmentos e tintas. Por outro lado, com relação ao acionamento do sistema de iluminação, o espaço, dividido em cinco seções, permite que cada seção tenha sua lâmpada ligada individualmente, diminuindo o impacto da iluminação artificial. As janelas são protegidas internamente

por cortinas.

O mobiliário utilizado (Figura 9) não é adequado para acondicionar o acervo, já que é formado por móveis diversos pertencentes ao convento e adaptados ao uso. Na sala existem duas estantes (Figura 9 - 1) e quatro mesas de metal; dez mesas (Figura 9 - 2 e 3) e uma estante de madeira; três armários de madeira com portas de vidro; dez pedestais de pedra e duas araras de metal. O mobiliário em madeira encontra-se com infestações ativas por insetos xilófagos e é suscetível a chamas. As mesas, estantes e pedestais apresentam riscos de queda do acervo devido à falta de suporte adequado nas laterais dos móveis. Os móveis fechados oferecem pouca proteção contra variações de temperatura e umidade.

Figura 9 - Mobiliário do Museu

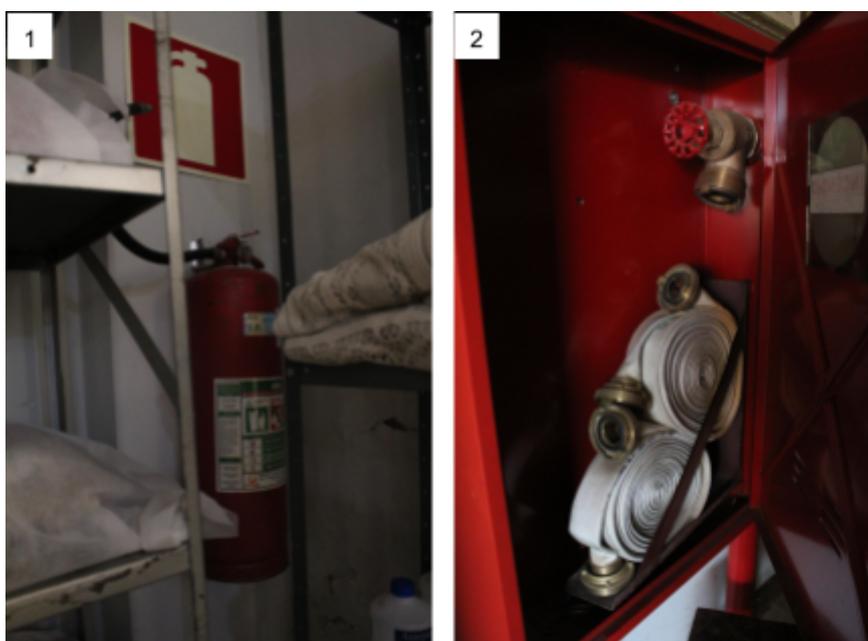


Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

A sala está equipada com dois extintores de incêndio de água pressurizada, sinalizados com placas e suspensos do chão. Além disso, localizado no corredor exterior ao cômodo, há um hidrante de parede (próximo da porta, na Figura 7), mas sua mangueira não está conectada ao encanamento, conforme indica a NBR 12779

(ABNT, 2004) (Figura 10 - 2). Em função da grande quantidade de móveis e objetos na sala, o extintor A, mostrado na Figura 7 encontra-se bloqueado por dois armários (Figura 10 - 1), o que impede sua utilização correta. O extintor B indicado na planta da Figura 7 está distante de sua placa de sinalização e obstruído por móveis e objetos, dificultando seu acesso. A validade dos extintores, por ocasião do levantamento realizado neste trabalho, expirou em julho de 2021. Não existe um plano de remoção do acervo em caso de incêndio.

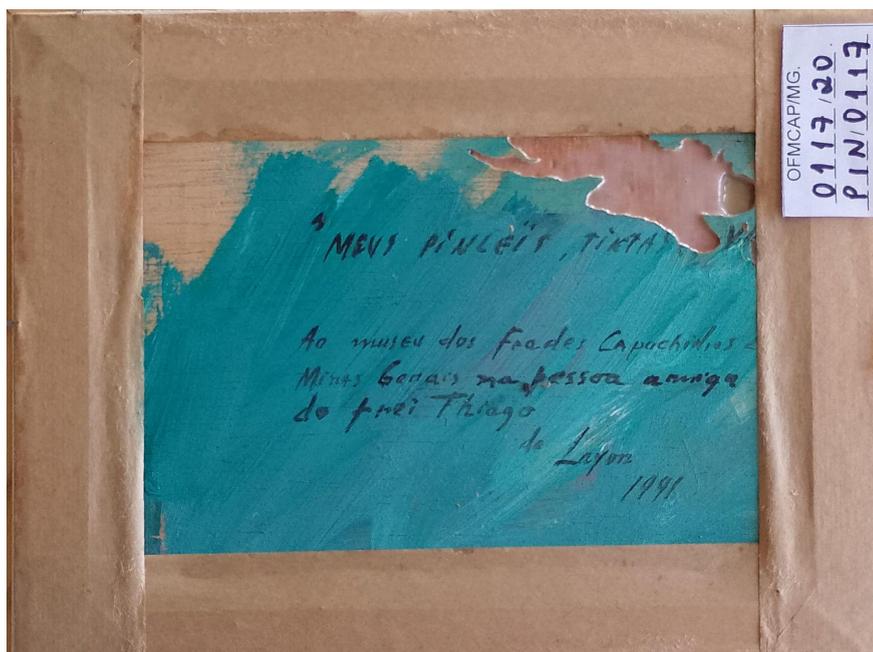
Figura 10 - Extintor A e hidrante de parede



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

1.4 O Acervo do MPCMG

O MPCMG possui um grande acervo de bens artísticos, religiosos, culturais, bibliográficos e documentais, pertencentes à PROCAMIG. O acervo se formou ao longo de 38 anos, contendo objetos pertencentes à Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia e convento, outros recolhidos de casas da fraternidade presentes em Minas Gerais, por itens trazidos pelos primeiros frades capuchinhos, peças criadas pelos próprios religiosos, objetos recolhidos e doados pelos religiosos que vivem ou faleceram no convento, além de doações feitas por artistas e membros da comunidade. Grande parte desse acervo tem valor afetivo e religioso e não possui registro de sua procedência, o que dificulta a catalogação e a correta identificação histórica das peças.

Figura 11 - Dedicatória no verso de pintura doada ao MPCMG²

Fonte: Amanda Caralp, 2024.

O acervo, atualmente, passa por processo de catalogação e inventário, realizado pelo Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte. Devido à falta de registro de entrada e saída dos itens, pode-se apenas estimar, com base no levantamento inicial realizado pelo Memorial da Arquidiocese, que o acervo possui cerca de 600 itens. Existem ainda objetos que estão distribuídos pelo convento (Figura 12), como pinturas sobre tela e esculturas devocionais. Esses itens serão catalogados futuramente.

² Transcrição: *Meus Pincéis, tintas e... Ao museu dos Frades Capuchinhos de Minas Gerais na pessoa amiga do Frei Thiago de Layon 1991* (sic). Doação do pintor Layon para o Frei Thiago Santiago. Elias Layon (1950-) é um pintor e escultor natural de Mariana, Minas Gerais. Membro da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), é reconhecido tanto no Brasil quanto no exterior. (Fonte: <<https://eliaslayon.com.br/>> Acesso em 30 de jul. de 2024)

Figura 12 - Parte do acervo que se encontra distribuído pelo convento



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

Entre os materiais que compõem esse acervo (Figura 13) estão documentos em papel, pinturas sobre tela, esculturas em madeira policromada, cerâmicos, pétreos, vidro, objetos etnográficos, arqueológicos, têxteis, metais, gesso, resina, entre vários outros. Esses materiais estão presentes em esculturas devocionais, objetos litúrgicos ainda utilizados em ritos e celebrações religiosas, como cálices, indumentárias e estandartes, além de bens pessoais legados por membros da Ordem e suas famílias, como utensílios de cozinha, relógios e rosários.

Figura 13 - Variedade de tipologias de materiais presentes no acervo do MPCMG



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

Entre os processos de deterioração que afetam o acervo atualmente, podem ser listados ataques ativos de insetos xilófagos e fungos em objetos em madeira, tecido e papel, perda de suporte e policromia em esculturas e pinturas, oxidação de objetos em papel, perda de coloração dos objetos têxteis e intervenções inadequadas. Todos esses fatores são agravados, ainda, pela falta de adequação da sala e do mobiliário onde a coleção se encontra acondicionada. A ausência de sistemas de gerenciamento ambiental e de iluminação mais adequados contribui para a aceleração desses processos.

Figura 14 - Estandarte com furos e manchas de umidade



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

Atualmente, a coleção conta com a consultoria de uma conservadora-restauradora e de um grupo de voluntários de áreas multidisciplinares, que realizam ações de conservação preventiva e curativa, como higienização e acondicionamento das peças.

Concluída a coleta de dados sobre o Museu, seu acervo e sua localização, se faz necessário o aprofundamento na metodologia da conservação preventiva, buscando orientar a melhoria das condições de acondicionamento do acervo utilizando a metodologia RE-ORG, que será detalhada no capítulo 2.

CAPÍTULO 2 - Referencial teórico e metodologia

A conservação preventiva surge como ciência na década de 1970 a partir de estudos que identificaram a interferência do ambiente na preservação de objetos e como o gerenciamento dessas condições impacta a longo prazo as coleções em museus. Sobre o avanço do papel da conservação preventiva, Gael Guichen nos diz:

Onde ontem se viam objetos, hoje devem ser vistas coleções. Onde se viam depósitos, devem ser vistos edifícios. Onde se pensava em dias, agora se deve pensar em anos. Onde se via uma pessoa, devem ser vistas equipes. Onde se via uma despesa de curto prazo, deve-se ver um investimento de longo prazo. Onde se mostram ações cotidianas, devem ser vistos programas e prioridades. A conservação preventiva significa assegurar a sobrevivência das coleções (Guichen, 2012).

Guichen defende a mudança de abordagem, de uma atenção exclusiva ao objeto individual (micro) para uma consideração abrangente das coleções (macro), enfatizando a importância da conservação preventiva para além da restauração dos bens. Outra definição para o mesmo tema é dada pelo ICOM-CC, em que conservação preventiva são:

Todas aquelas medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são realizadas no contexto ou na área circundante ao bem, ou mais frequentemente em um grupo de bens, seja qual for sua época ou condições. Estas medidas e ações são indiretas – não interferem nos materiais e nas estruturas dos bens. Não modificam sua aparência. (ICOM-CC, 2008)

O conceito atual de Reserva Técnica (RT) busca superar a ideia de depósitos superlotados onde os acervos eram mantidos. Segundo Amaral (2011), o propósito da reserva é guardar objetos enquanto fonte de informação, educação e exposição, preservando-os tanto quanto possível nas suas condições atuais.

Segundo Remy (1999) , a função de uma RT é:

- (i) Responder às exigências da conservação, limitando e antecipando os riscos de degradação, substituindo-os por condições favoráveis de conservação.
- (ii) Facilitar o acesso às coleções, a fim de favorecer o estudo e a difusão dos bens culturais.
- (iii) Permitir a movimentação das coleções, garantindo a preservação e a segurança dos bens culturais.

Os critérios que permitem avaliar a boa concepção e o bom funcionamento de uma reserva são: Funcionalidade, Acessibilidade, Consulta, Preservação e Segurança (Remy, 1999).

A realidade da maioria dos museus não permite que esses critérios sejam plenamente cumpridos, seja por falta de fundos ou de pessoal qualificado. É na RT, no entanto, em que a maioria do acervo de um museu se encontra, ainda que este seja considerado um espaço secundário dentro de instituições.

Brusius e Singh (2018) comparam esses locais com criptas para destacar que esses espaços não são apenas de armazenamento, mas também de preservação e ocultação. Assim como criptas, guardam objetos de valor fora da vista. Ambos são dedicados à preservação e possuem um potencial narrativo significativo, contendo memórias e histórias importantes. Essa comparação enfatiza a proteção e o respeito pelo passado, sugerindo que as RTs desempenham um papel crucial na gestão das coleções e na preservação da memória cultural dos museus.

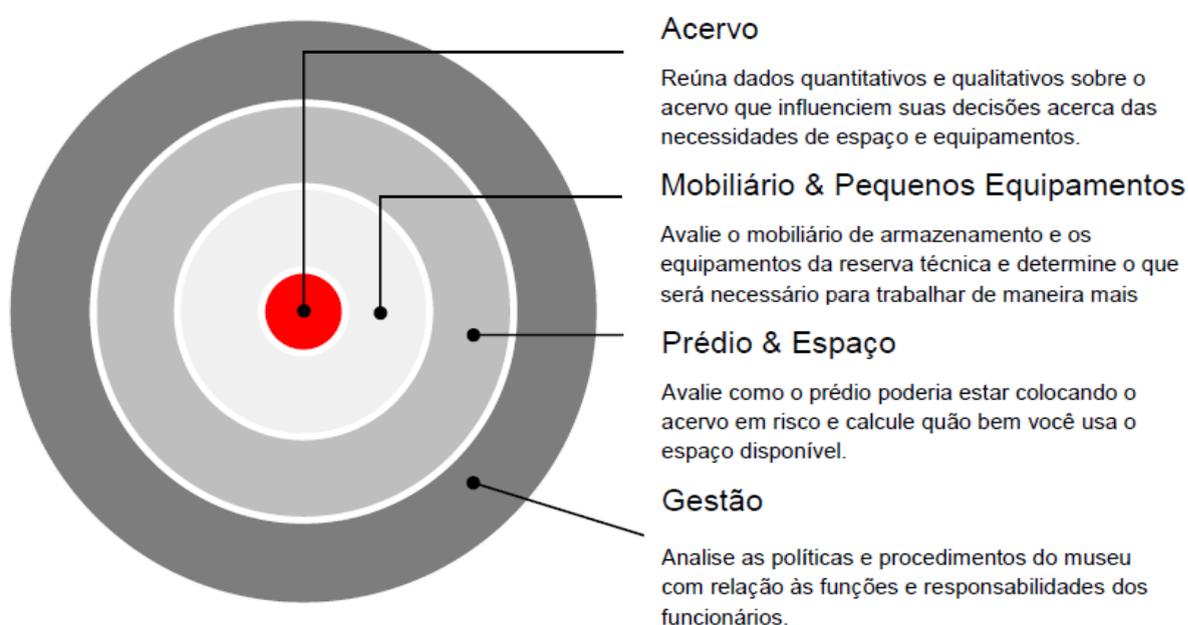
O Método RE-ORG, desenvolvido pelo ICCROM, surge como uma perspectiva acessível na reestruturação desses espaços. Trata-se de uma abordagem estratégica destinada a ajudar museus com recursos limitados a recuperar o controle de suas coleções em armazenamento (Antomarchi et al., 2021). Essa metodologia foi criada para enfrentar situações críticas de desorganização e superlotação nos depósitos e reservas técnicas de instituições museais e não se limita apenas à reorganização física das RTs, mas pretende também aperfeiçoar a gestão e a conservação das coleções.

O RE-ORG é resultado de uma pesquisa realizada pelo ICCROM, em parceria com a UNESCO no ano de 2011, que questionou cerca de 1500 museus localizados em 136 países sobre as condições em que suas coleções armazenadas em depósitos e Reservas Técnicas se encontravam. Verificou-se que grande parte dos acervos e coleções encontravam-se em espaços impróprios para armazenamento, sofrendo de superlotação, falta de segurança, riscos à integridade das peças, entre outras dificuldades. Em resumo, 1 em cada 4 museus possuía o sistema de documentação incompletos e dificuldade de circulação nas áreas de RT, 1 em cada 3 museus não definiu a pessoa responsável pela área de RT e 1 em cada 2 museus não possuía espaço suficiente para manter suas coleções (ICCROM, 2011). As más condições de armazenamento não se limitaram apenas a instituições

localizadas em países emergentes, expondo um problema ainda maior que afeta coleções sem distinção: a falta de recursos e atenção destinados à manutenção de Reservas Técnicas.

Baseado nos resultados obtidos pela pesquisa, o método RE-ORG sugere que quatro componentes-chave sejam considerados durante o processo de reorganização: o Acervo, o Mobiliário e Pequenos Equipamentos, o Edifício e Espaço e a Gestão (Figura 15). Esta abordagem sistemática e fácil de adotar baseia-se na otimização dos recursos existentes no museu (Antomarchi et al., 2021).

Figura 15 - Componentes a serem considerados no processo de reorganização



Fonte: ICCROM, 2018

O Método RE-ORG compreende procedimentos em quatro etapas: Preparação, Relatório sobre a situação (diagnóstico), Plano de ação e Implementação. Durante a primeira etapa, uma equipe será preparada para iniciar a reorganização da reserva técnica. Para tal, realizará uma autoavaliação inicial, reunirá as ferramentas, materiais e plantas arquitetônicas necessárias, documentará a situação da reserva técnica antes da intervenção e definirá os espaços de trabalho. A segunda etapa consiste na documentação e análise da condição atual do espaço, resultando em um relatório. A terceira etapa inicia o planejamento do projeto

de reorganização baseado no relatório produzido anteriormente. A quarta e última etapa conclui com a implementação e documentação do projeto (ICCROM, 2018).

Essa estratégia foi desenvolvida para ser flexível e adaptável às necessidades específicas de cada instituição, sendo, portanto, a principal referência teórico-metodológica ajustada neste trabalho para atender às particularidades do acervo. O RE-ORG também disponibiliza planilhas que avaliam esses aspectos. Elas foram usadas como guia e referência para a avaliação da sala onde se localizará a nova RT do MPCMG.

2.1 Diagnóstico

A primeira etapa a ser cumprida na fase inicial do método Re-ORG é chamada de Preparação. Consiste na realização de um diagnóstico, que corresponde a uma ferramenta específica do método chamada de Questionário de Autoavaliação. Este documento em forma de questionário de múltipla escolha tem como objetivo fazer um levantamento das condições presentes no local em que o Método RE-ORG será implementado.

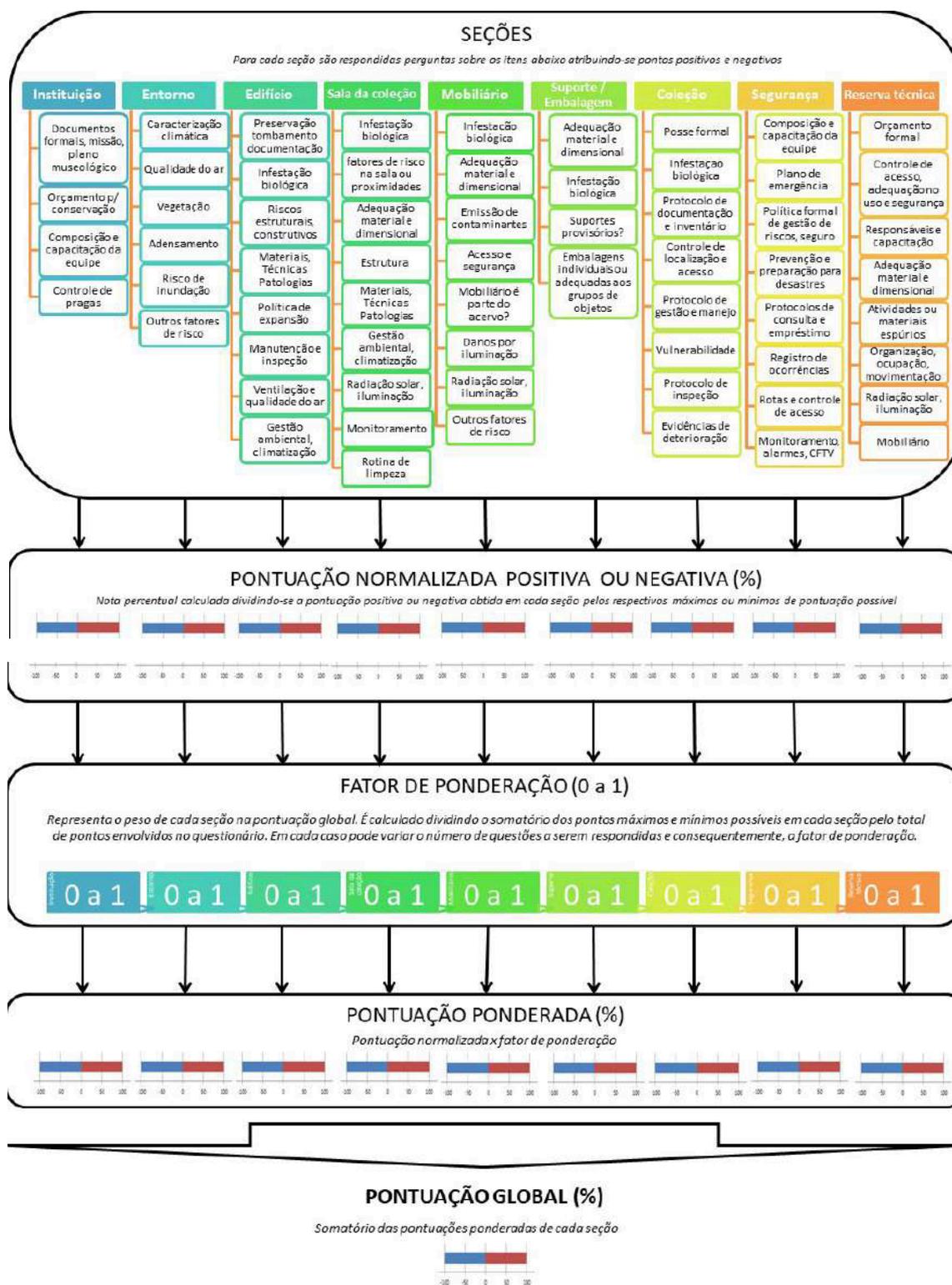
Neste questionário, as questões estão divididas em quatro seções: Gestão (G), Prédio e espaço (P), Acervo (A), Mobiliário e pequenos equipamentos (M), totalizando 37 perguntas com valor de 0 a 6 pontos. O resultado é obtido pela somatória dos pontos revelando o grau da necessidade de implantação de um projeto RE-ORG na instituição.

Com vistas ao entendimento do contexto envolvido na implantação e reorganização de uma nova Reserva Técnica para o MPCMG, foi utilizado o Questionário de Autoavaliação do RE-ORG e também o questionário formulado por Gonçalves (2020), a partir de pesquisas realizadas no Laboratório de Conservação Preventiva (LACONPRE) e no Laboratório de Ciência da Conservação (LACICOR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O roteiro proposto por Gonçalves (2020) foi concebido com base na importância do diagnóstico das condições de conservação das coleções e permite um resultado quantitativo e qualitativo, em que cada aspecto avaliado no questionário é interpretado em termos do seu impacto positivo (favorece a conservação da coleção) ou negativo (prejudica a conservação). Ele está dividido em nove seções (Figura 16), a saber: Instituição, Entorno, Edifício, Sala da coleção,

Mobiliário, Suporte de sustentação/embalagem, Coleção, Segurança e Reservas Técnicas.

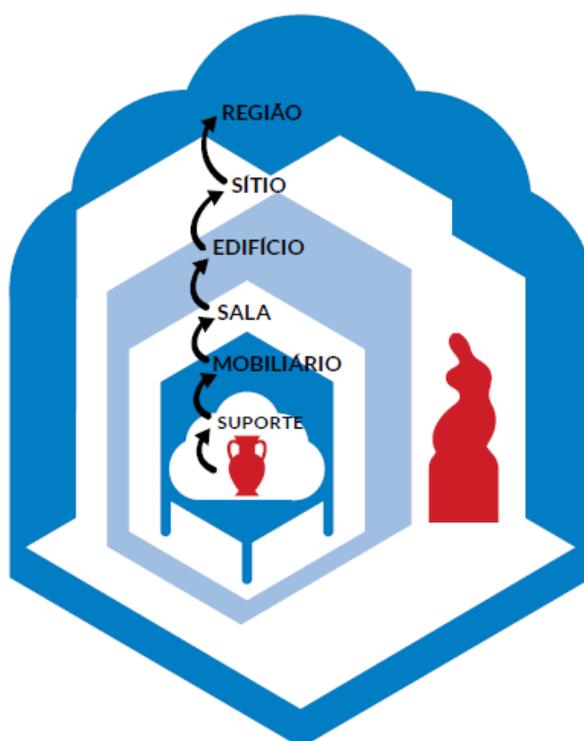
Figura 16 - Fluxograma do protocolo de diagnóstico de conservação de coleções



Fonte: Gonçalves, 2020

Essa estrutura corresponde ao conceito de Camadas de Envoltório derivado da metodologia de gestão de riscos do ICCROM (2016), que se baseia na ideia de que a proteção da coleção deve ser feita em múltiplas camadas (Figura 17), cada uma oferecendo um nível adicional de segurança e preservação. Essas camadas são: a embalagem ou suporte onde o objeto é armazenado ou exibido; o armário ou estante na reserva técnica, ou a vitrine na área de exibição (mobiliário); a sala onde é guardado ou exibido (sala); o edifício do museu (edifício); o entorno imediato do museu (sítio); e a área geográfica onde o museu está localizado (região) (ICCROM, 2016). O planejamento, implantação e organização da RT envolve considerações em todas essas camadas.

Figura 17 - Camadas de envoltório



Fonte: Antomarchi, 2017

No roteiro elaborado por Gonçalves (2020), o resultado do diagnóstico é expresso por meio de uma Pontuação Global:

Pontuação Global, a qual representa numericamente as condições de conservação da coleção analisada, por meio de uma média ponderada baseada nas diversas informações levantadas no protocolo de diagnóstico.

Essa expressão quantitativa permite a comparação das condições de conservação de duas ou mais coleções diferentes (...)

Para cada seção, é obtido um somatório da pontuação atribuída. Este somatório é expresso percentualmente em relação à pontuação máxima ou mínima possível em cada seção e já indica, se cada seção representa um ponto forte / oportunidade ou um ponto fraco / ameaça, problemas e riscos potenciais, vulnerabilidades ou aspectos que contribuem positivamente ou negativamente em termos das condições de conservação da coleção.

Em seguida, o peso de cada seção a ser considerado para o cálculo da pontuação global, é determinado em função do número total de perguntas respondidas, uma vez que para algumas coleções, determinadas perguntas não se aplicam. Por fim, a pontuação global que representa o resultado do diagnóstico das condições de conservação da coleção analisada é obtida como uma média ponderada positiva ou negativa. (Gonçalves, 2020)

O resultado do roteiro proposto por Gonçalves (2020) é uma pontuação global ponderada, que pode ser positiva ou negativa e procura representar as condições de conservação do acervo, da sala do museu e do prédio do convento, sendo interpretada conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 - Critérios adotados para interpretação da pontuação global resultante do protocolo de diagnóstico de conservação de coleções

Pontuação global	Interpretação/diagnóstico
-100% a -61%	MUITO RUIM - condições de conservação inadequadas. Riscos significativos de perda de valor da coleção
-60% a -21%	RUIM - medidas de melhoria das condições de conservação são imperativas
-20% a 20%	REGULAR - são necessárias medidas para melhorar as condições de conservação da coleção
21% a 60%	BOM - condições de conservação razoavelmente adequadas, podendo ser melhoradas
61% a 100%	MUITO BOM - condições de conservação aparentemente adequadas

Fonte: Gonçalves, 2020

2.2. Resultados e discussão da avaliação diagnóstica

A coleção presente no MPCMG foi avaliada como um todo através do documento de autoavaliação elaborado pelo RE-ORG (Anexo 1), e pelo roteiro diagnóstico desenvolvido por Gonçalves (2020) (Anexo 2).

Mediante a Tabela Diagnóstica RE-ORG (Anexo 1), a avaliação feita no MPCMG sugere que nos quesitos *Gestão, Prédio e espaço* e *Acervo*, a instituição

“precisa de um projeto RE-ORG”, e em *Mobiliário e pequenos equipamentos*, é necessário “iniciar um Projeto RE-ORG imediatamente!”

Os resultados da aplicação do roteiro de Gonçalves (2020) estão sintetizados na Tabela 2:

Tabela 2 - Resultados obtidos a partir do Roteiro Simplificado para o Diagnóstico de Condições de Conservação de Coleções

Seção	Máxima Pontuação Possível A	Mínima Pontuação Possível B	Pontuação Atribuída C	Pontuação Normalizada Positiva (%) F	Pontuação Normalizada Negativa (%) G	Fator de Ponderação H	Pontuação Ponderada J
Instituição	23	-16	9	39,13	0,00	0,0913	3,57
Entorno	5	-10	-9	0,00	-90,00	0,0351	-3,16
Edifício	24	-36	-15	0,00	-41,67	0,1405	-5,85
Sala	21	-34	-24	0,00	-70,59	0,1288	-9,09
Mobiliário	24	-27	4	16,67	0,00	0,1194	1,99
Suporte/ Embalagem	10	-13	0	0,00	0,00	0,0539	0,00
Coleção	21	-31	-16	0,00	-51,61	0,1218	-6,29
Segurança	35	-34	-7	0,00	-20,59	0,1616	-3,33
Reserva Técnica	34	-29	8	23,53	0,00	0,1475	3,47
Somatórios	197	-230	-50			1,00	-18,68
PONTUAÇÃO GLOBAL							-18,68

Fonte: Gonçalves, 2020

Considerando as pontuações obtidas nas colunas F (Pontuação Normalizada Positiva) e G (Pontuação Normalizada Negativa), é possível expressar superficialmente se as seções analisadas se encontram em condições favoráveis ou desfavoráveis, considerando 0 como ponto de neutralidade, -100 como menor resultado possível e +100 como maior resultado possível. O Entorno e Sala apresentam as menores pontuações registradas, o que, de acordo com a Tabela 1, se enquadra como Muito Ruim (-100% a -61%); o Edifício e Coleção apresentaram uma pontuação considerada Ruim (-60% a -21%); as áreas de Segurança e Mobiliário apresentam pontuação Regular (-20% a 20%); e a Reserva Técnica e Instituição apresentam um resultado Bom (21% a 60%). Nenhuma das seções analisadas conseguiu resultado Muito Bom (61% a 100%).

A pontuação global resultante da avaliação do conjunto de RT atual no 3º andar do MPCMG no roteiro diagnóstico elaborado por Gonçalves (2020) (Apêndice 2) foi de -18,68%, o que, segundo os critérios adotados para interpretação da pontuação global resultante do protocolo de diagnóstico de conservação de

coleções, configura uma situação **Regular**, onde são necessárias medidas para melhorar as condições de conservação da coleção (Gonçalves, 2020).

Os dois questionários produzem resultados similares: Há a necessidade de mudança e melhora no modo que o acervo está condicionado. O questionário desenvolvido por Gonçalves (2020) permite uma análise mais detalhada, observando aspectos relativos à camada de envoltório estudada. Identificam-se aspectos positivos e negativos em termos da gestão institucional, materialidade da coleção, infraestrutura e segurança. O Diagnóstico RE-ORG proporciona uma impressão geral da situação a ser estudada, enquanto o documento criado por Gonçalves (2020), complementa a pesquisa permitindo o entendimento mais profundo e a melhor aplicabilidade do método RE-ORG.

A partir da leitura das respostas obtidas no questionário produzido por Gonçalves (2020), é possível definir os pontos positivos e negativos sobre a atual situação do MPCMG.

Ao que se refere à **instituição**, a maioria dos resultados é favorável, uma vez que o MPCMG possui plano diretor museológico definido e um grupo de trabalho capaz de tomar decisões em conjunto. Outro ponto positivo é a disposição de recursos que garantem a preservação da coleção e um grupo de profissionais qualificados para sua realização, contando com museólogo, arquivista e conservador-restaurador. Em contrapartida, os funcionários, principalmente os terceirizados, não são capacitados para detectar a presença de pragas e riscos relevantes ao acervo. Outra falta grave é a inexistência de uma política de controle de pragas formalizada.

No que concerne ao **entorno** do convento (Figura 3), diversos fatores podem interferir negativamente na conservação do acervo. Entre eles, destacam-se a presença de poluentes provenientes de veículos ou indústrias na cidade, a proximidade de vegetação, agravada pela ausência de uma política formal de controle de pragas, e a existência de prédios muito próximos, considerando que o convento está situado em um quarteirão que também abriga um supermercado e uma escola. Outros fatores presentes que podem representar riscos eventuais incluem o sistema de coleta de esgoto, obras de construção civil, um ponto de coleta de lixo nas proximidades e reservatórios de água, como piscinas e caixa d'água.

Tratando-se de um **edifício** de caráter histórico, originalmente não destinado a abrigar um acervo, o convento apresenta danos estruturais compatíveis com a

idade do prédio, além de possuir uma rede hidráulica antiga e infestações biológicas ativas, principalmente causadas pela umidade (Figura 18). Embora a manutenção do edifício seja realizada periodicamente, é imprescindível a criação de um plano formal de inspeções periódicas para um melhor controle dos riscos existentes. Atualmente, não há uma sala designada como local de quarentena para peças com infestação ativa. Além disso, não há sistema de climatização e o controle das condições microclimáticas que afetam a coleção não é realizado.

Figura 18 - Infiltrações no edifício do convento



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

A **sala da coleção**, atual museu, apresenta infestação biológica ativa, além de infiltrações e umidade provenientes do teto e de uma janela com face para a área externa do prédio (Figura 19). Essa situação demanda inspeções e limpezas periódicas, realizadas pela equipe do MPCMG. O espaço encontra-se bastante ocupado pelo acervo, mas este está organizado de modo a permitir corredores livres para a circulação segura de pessoas, e não há objetos colocados diretamente no chão. A sala atual se encontra ao lado da cozinha e do refeitório do convento, não possui sistema de ventilação ou equipamentos para o gerenciamento ambiental. A iluminação é feita por lâmpadas incandescentes e fluorescentes, que emitem radiação infravermelha e UV, respectivamente, prejudicando o acervo a longo prazo.

Figura 19 - Infiltração na reserva técnica



Fonte: Amanda Caralp, 2024.

O **mobiliário** que acomoda o acervo é composto, em parte, por móveis de madeira (Figura 20 - 1) que apresentam infestação ativa por insetos xilófagos. Neles, estão acondicionados objetos metálicos, cerâmicos e pétreos, a fim de evitar contaminação por xilófagos. O acervo têxtil encontra-se em duas araras de metal que são abertas e não possuem qualquer tipo de proteção para esses objetos. A maioria do acervo está organizada em mesas de madeira ou em estantes de metal. O mobiliário atual não é adequado para o armazenamento de acervos, uma vez que não foi projetado para tal função e não suporta o peso e volumetria dos itens.

Grande parte do acervo tridimensional se encontra acondicionado com **embalagens** provisórias de filme poliéster cristal (Figura 20 - 3), material livre de ácido e com pH neutro. As peças que se encontram dentro de armários fechados, não estão embaladas, e o acervo têxtil se encontra coberto por lençóis de algodão (Figura 20 - 2). Os estandartes em tecido estão pendurados em pregos nas paredes, sem nenhuma interface entre eles.

Figura 20 - Mobiliário e embalagem do acervo



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024

Sobre a **coleção**, atualmente não existe o inventário completo e atualizado dos itens. Apesar de alguns itens apresentarem ataques ativos de insetos xilófagos, o estado de conservação dos itens, em geral, é regular. Outras evidências de deterioração encontradas no acervo são corrosão, intervenções anteriores, alterações cromáticas, entre outros. Não existe um protocolo de gestão de conservação da coleção, o que prejudica a manutenção do acervo, já que não existem diretrizes para consulta, manuseio e movimentação de objetos.

Apesar dos responsáveis pela coleção estarem cientes dos riscos que podem comprometer o acervo, não existe um cargo formalmente designado para a **segurança**, nem uma política formal de gestão de riscos. A sala que abriga a coleção possui apenas uma entrada e saída, cujo acesso é controlado e restrito, não há, porém, sistema de monitoramento por câmeras internas e o mobiliário não possui trancamento por chave, mesmo para os itens mais valiosos, os quais ainda não foram identificados. O edifício está equipado com pára-raios, fechaduras, sensores e alarmes contra intrusão, câmeras de monitoramento nas entradas e saídas, extintores de incêndio manuais e hidrantes. Não há, contudo, um canal de comunicação direto com bombeiros ou polícia e, embora exista um sistema de combate a incêndios, não há registro de sua última inspeção.

Embora o MPCMG atualmente não possua um local formalmente denominado RT, o acondicionamento atual do acervo se assemelha bastante ao que se observa nesses locais. A sala onde se encontra o Museu não foi projetada para essa função e sua criação não contou com a consultoria de um especialista na área de conservação preventiva. Além disso, há incidência de luz natural dentro da RT e, embora a iluminação artificial possa ser operada por zonas, sem a necessidade de acender todas as lâmpadas simultaneamente, os tipos de lâmpadas presentes não são ideais para a preservação dos itens. Os objetos de mesma tipologia são mantidos juntos, entretanto, o mobiliário não está ocupado de maneira segura e eficiente, e não se encontra devidamente identificado e mapeado.

Os resultados obtidos pela análise da sala onde o museu se encontra, do mobiliário e das embalagens que acondicionam o acervo, sugerem que a melhor ação a ser tomada, pensando na conservação dos bens, é sua transferência para um local que supere essas inadequações em termos de conservação e se adeque às condições citadas pelo *Vademecum*.

2.3 Condições atuais do espaço reservado para a RT

Um problema recorrente em museus é a adequação do ambiente em que estão localizados, já que é comum a transformação de edifícios históricos em museus. O caso do MPCMG é diferente. Uma instituição religiosa situada em um edifício histórico teve a oportunidade de formar um acervo histórico, religioso e artístico que excedeu as expectativas de suas instalações. Agora, há o desejo e a possibilidade de encontrar em seu edifício um local para melhor acomodar esses bens. Nesse momento, deve-se considerar que:

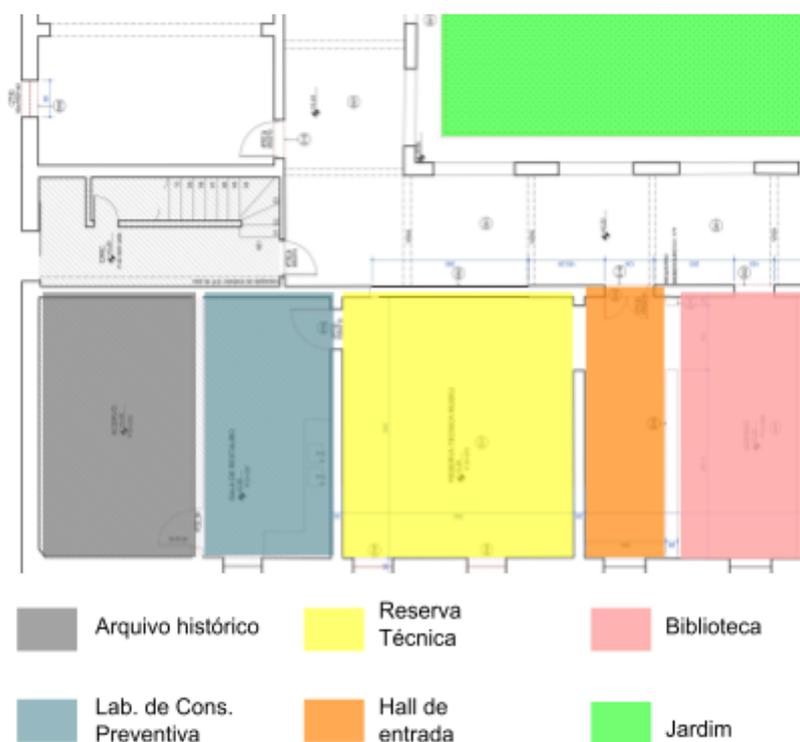
O planejamento desse espaço deve estar atento para seu isolamento de áreas de passagem, como corredores; problemas relacionados à inundação; estabilidade do terreno e qualidade do material construtivo [...] e, finalmente, ao volume e a tipologia do acervo destinado ao espaço. (Froner, 2008)

Como não é possível construir um espaço no complexo do Convento dedicado exclusivamente a atender todas as especificidades técnicas necessárias às rotinas de trabalho do Museu, particularmente aquelas relativas ao armazenamento adequado do acervo, o caminho optado pela Instituição foi o de

adaptar uma sala que cumpra minimamente os requisitos técnicos para essa função.

O espaço estipulado pela instituição para receber o acervo a ser transferido da sala onde atualmente ele se encontra, no terceiro andar, é uma sala localizada no primeiro andar do claustro, entre o *hall* da biblioteca e o laboratório de conservação preventiva (espaço marcado na cor amarela na Figura 21).

Figura 21 - Planta parcial do 1º pavimento mostrando a localização da nova RT



Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

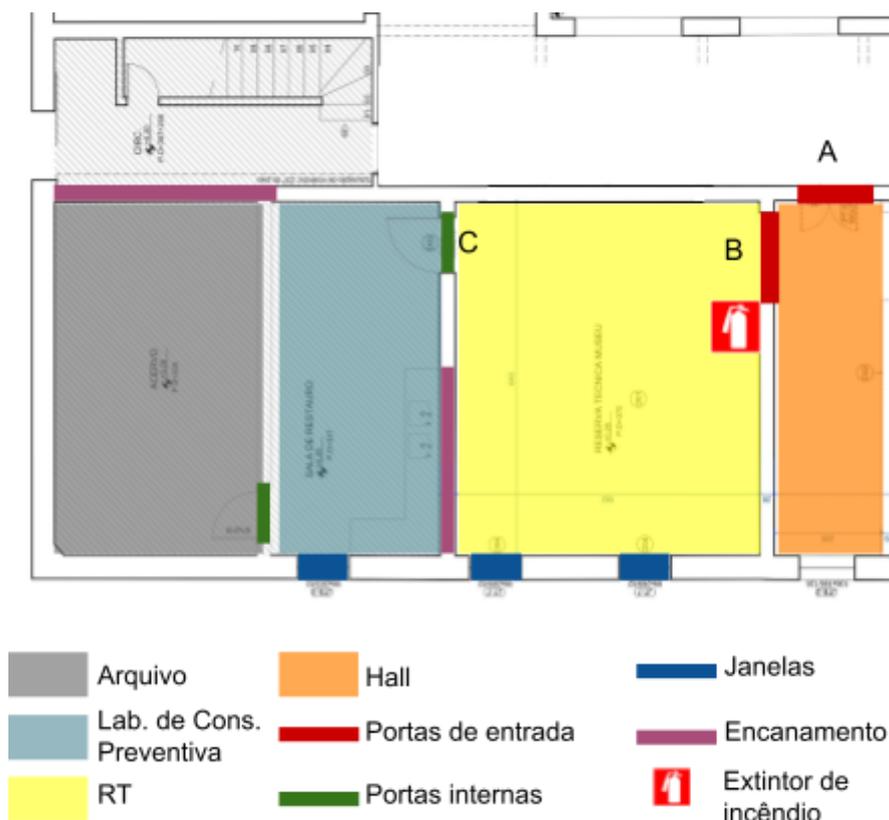
Todas as salas destacadas na Figura 21 fazem parte do CCCap. A sala do arquivo histórico, destacada em cinza, contém documentos da PROCAMIG, que estão acondicionados em caixas de polionda em estantes de metal. Essa sala do arquivo não possui janelas e tem apenas uma porta que a liga ao laboratório de conservação. Durante o desenvolvimento dessa monografia, foi cogitado que essa sala do arquivo fosse usada como RT devido à sua localização dentro do edifício. Acima da sala, porém, existe um banheiro que, mesmo após reformado, apresentou vazamentos em seu encanamento, causando infiltrações nas paredes e teto do arquivo. A ideia, de usar essa sala do arquivo com RT, portanto, foi descartada.

O laboratório, destacado em azul na Figura 21, possui uma pia de aço inox instalada em uma bancada de mármore, uma mesa que serve de estação de

trabalho e duas estantes de metal. Há nesse cômodo uma janela do tipo basculante que possui grades internas.

A biblioteca, destacada em rosa na Figura 21, é um cômodo amplo com seis janelas do tipo basculante. O acervo está acondicionado em metal, e pode ser acessado pela comunidade local mediante cadastro na recepção.

Figura 22 - Detalhes da RT



Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

O acesso à sala da RT é realizado por meio de um *hall*, onde se localiza a recepção da biblioteca, representada em laranja na Figura 22. Durante o horário de funcionamento da biblioteca, um recepcionista controla a entrada e saída de visitantes. A porta de acesso à biblioteca (Porta A na Figura 22) é de madeira maciça (Figura 23 - 1), de folhas duplas, arqueada, com bandeira e possui, além da fechadura convencional, dois trincos para cadeado, um ferrolho e uma barra de ferro. A porta que leva à RT (Porta B na Figura 21) é de vidro, dupla, com puxadores de metal e possui fechadura convencional e ferrolhos na parte de cima e debaixo das folhas. O vidro foi plotado com plástico opaco na cor azul, nas folhas da porta há

os dizeres “Bens Culturais” e, na bandeira, há o logo da OFMCap (Figura 23 - 2). Ambas as portas estão representadas na Figura XX em vermelho.

Figura 23 - Portas de acesso à RT



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

As dimensões da sala pretendida para a RT (em amarelo na Figura 22) são de 5,82 metros de comprimento, por 6,4 metros de largura e pé direito de 3,7 metros. A sala possui duas janelas do tipo basculante e seus vidros estão cobertos por filtro de proteção solar. O piso da sala é vinílico e as paredes estão pintadas com tinta branca. A iluminação é fornecida por lâmpadas fluorescentes tubulares que podem ser acionadas em seções. Há um extintor de incêndio tipo ABC, com validade da carga até 2025/1. O acesso ao laboratório de conservação e ao arquivo é exclusivo pela RT por uma porta de madeira maciça (Porta C na Figura 22, Figura 24 - 2) localizada na parede oposta à entrada. Atualmente, a sala é usada como arquivo para livros raros e documentos da PROCAMIG, como local de consulta para esse arquivo e como extensão do laboratório de conservação.

Figura 24 - Vista panorâmica da sala da RT



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

Atualmente, o mobiliário presente na sala consiste em seis estantes de ferro provenientes da biblioteca, um armário de ferro com portas de correr, um guarda-roupa de madeira com seis portas, três escrivaninhas, uma mesa grande, várias cadeiras de escritório e duas poltronas (Figura 24). Alguns desses móveis não são adequados para o acondicionamento do acervo do MPCMG, como o guarda-roupa de madeira, que pode atrair insetos xilófagos. As mesas e cadeiras também não devem permanecer em uma reserva técnica, assim como qualquer objeto ou mobiliário que não seja destinado ao uso do acervo. Recomenda-se, portanto, que esses móveis, como o guarda-roupa de madeira, as mesas e as cadeiras, sejam realocados para outras áreas do edifício evitando desperdício de recursos.

A parede externa da sala está orientada a norte e é voltada para um corredor largo que separa o Convento do Colégio Nossa Senhora das Dores (Figura 25). Esse corredor é utilizado pelo Convento para a realização de atividades festivas e comemorações. Ele conecta a entrada da garagem do Convento a um estacionamento coberto, que diariamente serve como passagem para veículos. Essa parede foi afetada pela infiltração de água proveniente da piscina do colégio e já passou por reparos. (Figura 25).

Figura 25 - Parede externa do edifício do Convento



Fonte: Amanda Caralp, 2024.

O terceiro e último capítulo deste trabalho será dedicado à criação de diretrizes que auxiliem o CCCap na transferência desse acervo do 3º andar ao 1º, seguindo a metodologia RE-ORG.

CAPÍTULO 3 - Diretrizes para o Plano de Ação de implantação e organização da nova RT

Neste capítulo, serão apresentadas as diretrizes para a implantação e organização da nova RT. Inicialmente, serão abordadas as adequações necessárias para a sala da RT, incluindo aspectos como mobiliário, iluminação, segurança e gerenciamento ambiental. Em seguida, será detalhado o planejamento para a transferência do acervo para a sala já adaptada.

3.1 A preparação da RT

Algumas alterações e melhorias específicas são necessárias para adequar a sala antes que o espaço se torne a RT do MPCMG. Para começar, o arquivo provisoriamente alocado na sala deve ser transferido para seu local permanente, e o mobiliário presente deve ser retirado.

O piso vinílico existente deve ser substituído por um piso de material com boa resistência mecânica, não poroso porém com segurança no deslocamento e fácil de limpar. Essa mudança é necessária, pois o piso vinílico não se apresenta muito resistente a danos e desgastes mecânicos, oriundos, por exemplo, da movimentação de carrinhos pesados dentro da RT. Embora o piso de placas vinílicas resista bem à umidade, ele pode ser afetado pela ação direta da água, caso esta penetre entre as placas e o contrapiso.

As lâmpadas fluorescentes tubulares devem ser substituídas por iluminação LED fria, que emite menos calor e radiação UV. Outra opção é a instalação de filtros de UV nas luminárias. As lâmpadas LED são energeticamente eficientes e podem ser especificadas de modo a minimizar potenciais danos aos objetos armazenados. As luminárias tubulares presentes na sala podem ser aproveitadas (Figura 26), criando zonas de iluminação de acionamento independente de modo que a iluminação seja acionada somente quando necessário, reduzindo assim a exposição desnecessária.

Figura 26 - Sistema atual de iluminação



Fonte: Amanda Caralp, 2024.

As janelas do tipo basculante podem ser equipadas com filtros de proteção que bloqueiam totalmente a entrada de luz solar e radiação UV. Além disso, cortinas *blackout* podem ser adicionadas aumentando a proteção contra a luz.

Para impedir a entrada de insetos, pode-se instalar telas de alta densidade nas janelas. Essas telas devem ser finas o suficiente para barrar insetos pequenos, mas também permitir a circulação e troca de ar quando a janela estiver aberta, sendo possível a ventilação cruzada quando a porta de entrada também estiver aberta. A instalação deve ser feita de forma a vedar completamente todas as possíveis entradas.

Também é necessária a implementação de um sistema de monitoramento microclimático por meio de registradores (Dataloggers - Figura 27) que registre temperatura e umidade relativa do ar e, se possível, os níveis de luz. A equipe deve ser capaz de interpretar os dados fornecidos pelo sistema, identificando desvios das condições ideais, permitindo uma intervenção rápida para proteger os acervos. Um desumidificador pode ser necessário se a umidade relativa do ar for alta, e um umidificador pode ser necessário se a umidade for baixa.

Figura 27 - Modelo de aparelho que possui as funções de termo-higrômetro e datalogger



Fonte: Sigma Sensors³, 2024

Para aumentar a segurança e a proteção do acervo é recomendada a integração de novas câmeras a serem instaladas na RT ao sistema existente de CFTV, de modo a monitorar a entrada ou saída de pessoas e toda movimentação na sala sem pontos cegos. Conforme a disposição escolhida para o mobiliário, pode ser necessário instalar câmeras adicionais em mais pontos dentro da sala.

3.2 Mobiliário

O mobiliário que atualmente abriga o acervo do Museu não é adequado para essa função. Dado que o processo de inventário dos cerca de 600 itens do acervo do MPCMG está em andamento, foi realizada uma estimativa considerando tamanho, volume, tipologia e quantidade de seus itens.

As pinturas de cavalete e os estandartes devem ser armazenados em traineis deslizantes, um tipo de mobiliário compacto que permite a disposição vertical dos bens, otimizando o uso do espaço disponível. Estandartes também podem ser armazenados horizontalmente em mapotecas.

O levantamento preliminar das esculturas devocionais revela que essas, em sua maioria, possuem entre 20 cm e 35 cm de altura. Esses bens devem ser armazenados em armários com prateleiras ajustáveis (Figura 27 - 1) que permitem adaptar o espaço conforme o tamanho dos itens armazenados, permitindo colocar na mesma prateleira itens com tamanhos semelhantes. Lembrando que agrupar objetos das mesmas categorias numa mesma unidade de armazenamento resultará

³ Disponível em:
<<https://sigmasensors.com.br/produtos/termo-higrometro-digital-com-data-logger-ux100-011A>>
Acesso em: 02 de ago. de 2024.

em economia significativa de espaço dentro das unidades (ICCROM, 2017). O mobiliário fechado oferece proteção contra poeira, luz e variações de temperatura. Podem, além disso, ser equipados com sistemas de controle de umidade e temperatura. Por outro lado, esse tipo de mobiliário demanda protocolos de inspeção, de modo a evitar que passem despercebidos eventuais ataques biológicos.

Objetos metálicos podem ser guardados em gavetas (Figura 28 - 2) forradas com materiais anticorrosivos de sacrifício para prevenir sua oxidação ou em armários fechados.

As vestes litúrgicas devem ser penduradas em armários, utilizando cabides acolchoados para evitar deformações nos tecidos. Vestimentas delicadas podem ser guardadas em caixas feitas de materiais quimicamente neutros.

Objetos arqueológicos devem ser armazenados em gaveteiros que possuam espumas protetoras quimicamente inertes nas gavetas para evitar movimentação e danos durante o manuseio e que protejam contra impactos e vibrações.

Crucifixos menores devem ser armazenados em gavetas (Figura 28 - 2) que possuam espuma ou embalagens individuais, enquanto os maiores podem ser colocados nos traineis ou em prateleiras ajustáveis dentro de armários.

Itens menores, com até 10 cm, como os que compõem o presépio, podem ser colocados em mapotecas ou gaveteiros (Figura 28 - 3) dentro de embalagens individuais, por exemplo, caixas customizadas.

Figura 28 - Mobiliário sugerido



Fonte: LD Variedades⁴, compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

⁴ Disponível em: <<https://www.ldvariedades.com.br/>> Acesso em: 01 de ago. de 2024.

Itens anômalos (Figura 29), objetos fora do padrão, ou seja, aqueles que possuem necessidades diferentes da maioria do acervo (ICCROM, 2017, p.28), muito grandes e/ou pesados, deverão ser colocados em armários ou estantes projetadas especificamente para seu acondicionamento. Eles aparecem no acervo como esculturas devocionais com medidas superiores a 1 metro de altura, caixas e malas de viagem, oratórios em madeira e vasos.

Figura 29 - Itens anômalos em destaque



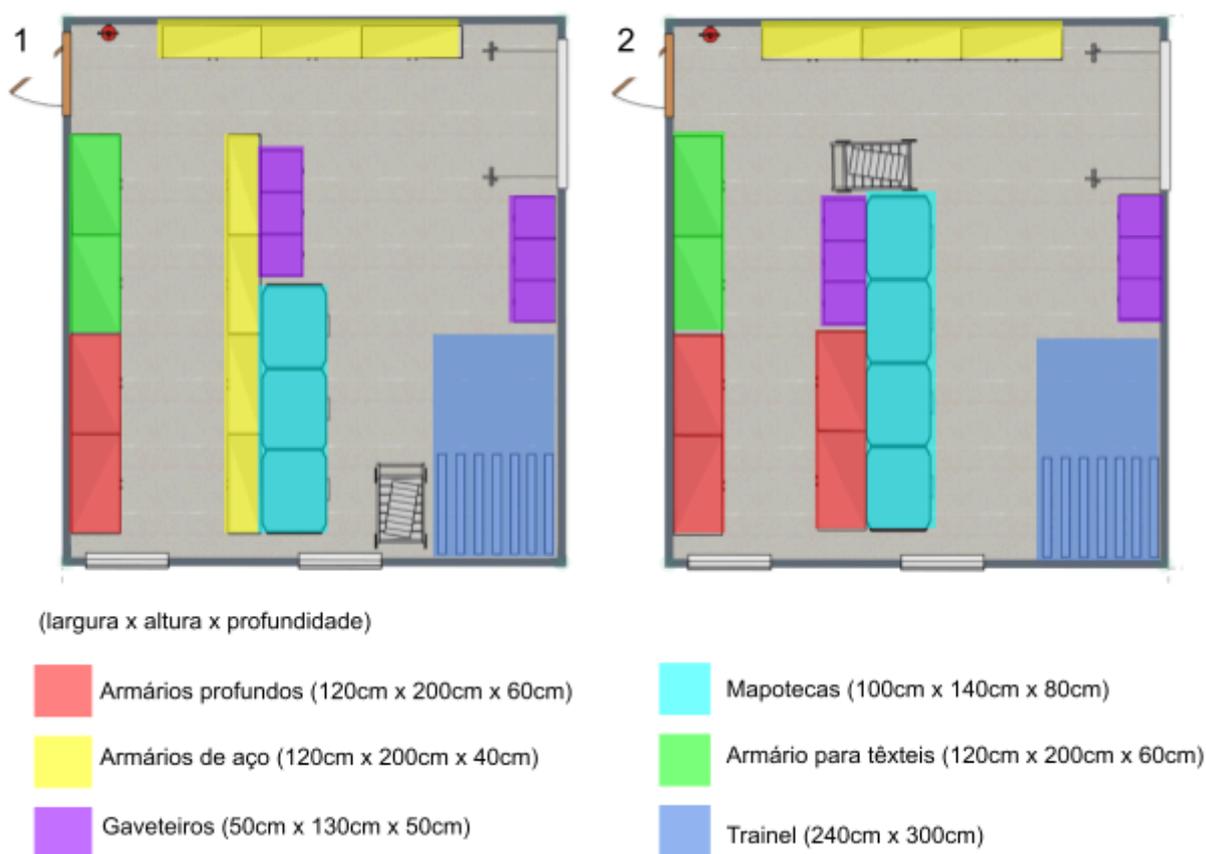
Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

O mobiliário recomendado para a organização de acervos deve garantir segurança e eficiência no cumprimento de suas funções. É desejável que o material apresente resistência à corrosão; nesse contexto, os móveis em aço inox são uma boa opção. Entre as alternativas com um custo-benefício razoável, destacam-se os móveis revestidos com pintura eletrostática neutra e isentos de compostos orgânicos voláteis. Além disso, é essencial que o mobiliário esteja equipado com um sistema de tranca por chave para assegurar a proteção adicional dos itens armazenados. Também é crucial considerar a capacidade máxima de carga das prateleiras e gavetas, com base na espessura das chapas metálicas, para evitar o desgaste

premature do mobiliário e prevenir acidentes relacionados a sobrecarga, como torções e quedas que possam comprometer a integridade das obras.

Para compreender as possibilidades de disposição desse mobiliário na RT, foram criadas duas propostas de leiaute (Figura 30).

Figura 30 - Propostas de leiaute da sala da RT



Fonte: Amanda Caralp, 2024.⁵

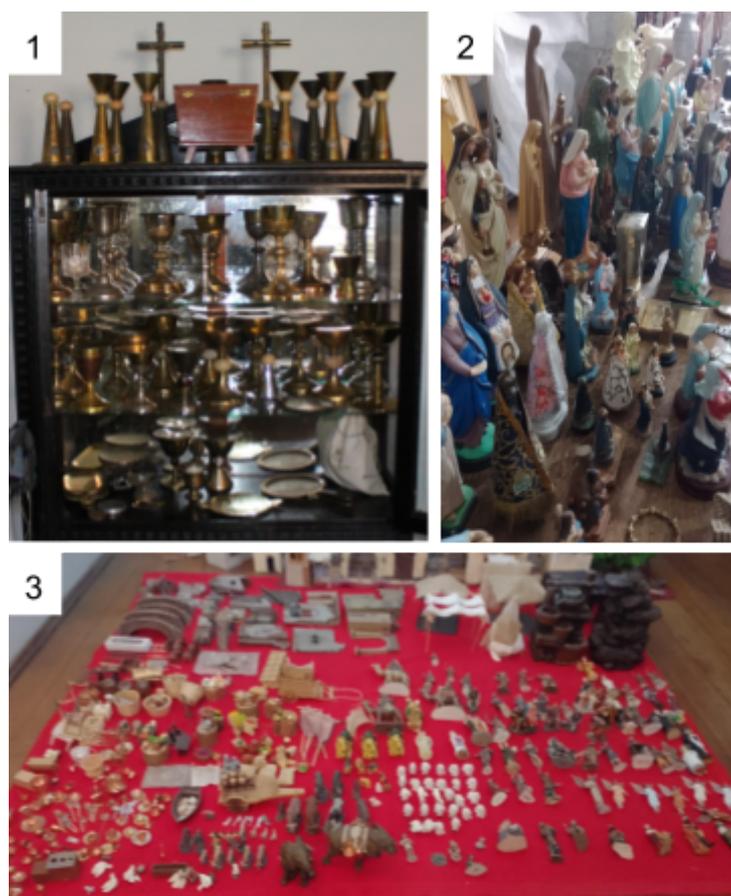
O mobiliário sugerido no leiaute nº 1 foi de quatro armários profundos, sete armários rasos, seis gaveteiros, três mapotecas e um trainel com sete chapas. O leiaute nº 2 consiste em seis armários profundos, três armários rasos, seis gaveteiros, três mapotecas e um trainel com sete chapas.

Esse mobiliário foi sugerido com base na estimativa de tamanho, volume, tipologia e quantidade de itens presentes no acervo. Foi considerada, por exemplo, a coleção de cálices com itens de 25 a 40 cm de altura e profundidade de cerca de 20 cm (Figura 31 - 1), bem como a grande quantidade de esculturas devocionais, com

⁵ Leiaute criado utilizando o software Planner5D. O modelo em 3D está disponível em: <https://planner5d.com/v?mode=2d&key=faed5d22dba40e185f475024e3552109> Acesso em 01 de ago. de 2024.

média de altura de 15 a 30 cm (Figura 31 - 2), que poderão ser acomodadas em gaveteiros, na posição horizontal, ou em armários rasos, na vertical. Foram considerados também os itens que compõem o presépio que, em sua maioria, possuem cerca de 5 a 10 cm de altura (Figura 31 - 3) e poderão ser acomodados em mapotecas, usufruindo do grande número de gavetas rasas e profundas. Além desses, a coleção de castiçais em madeira de 40 a 60 cm (Figura 13 - 1), os itens anômalos, como esculturas que ultrapassam 1 m de altura e 40 cm em profundidade (Figura 29), poderão ser acomodados nos armários com prateleiras personalizadas para sua altura. Já os estandartes e pinturas, assim como crucifixos de grandes dimensões, poderão ser acomodados nos traineis e cerca de 50 vestes poderão ser armazenadas penduradas em cabides acolchoados nos armários profundos.

Figura 31 - Acervo do MPCMG



Fonte: Compilação do autor, Amanda Caralp, 2024.

O leiaute nº 1 (Figura 30) permite a inclusão de um maior número de armários profundos, mas gera um corredor que obstrui a visão completa da sala, dividindo o ambiente. Em comparação, o leiaute nº 2 na mesma figura possibilita a instalação de

um número maior de gaveteiros e cria um corredor que separa a área de passagem para o laboratório de conservação da área destinada ao acervo. Em ambos os modelos, recomenda-se posicionar o trainel em um local distante das janelas, uma vez que é a única peça de mobiliário aberta. Existe ainda a possibilidade de adicionar estantes suspensas acima dos armários; A recomendação do ICCROM (2017) é de que se utilize todas as superfícies verticais disponíveis, tão alto quanto permitido pelas normas de segurança anti-incêndio, estas poderiam acomodar itens anômalos ou embalagens de grandes dimensões.

O mercado também disponibiliza o mobiliário deslizante compactador, projetado para otimizar o espaço de armazenamento ao possibilitar o deslocamento lateral das estantes sobre trilhos fixos no chão. Essa configuração elimina a necessidade de corredores fixos, permitindo um uso mais eficiente do espaço disponível. Fabricado predominantemente em aço, o mobiliário é capaz de suportar grandes cargas e oferece a flexibilidade de personalizar prateleiras e compartimentos para atender às necessidades específicas de armazenamento.

O Re-org refere-se à Planilha de Trabalho 8 – Avaliação de pequenos equipamentos (ICCROM, 2018) (Anexo 3) para um levantamento do que é necessário para o bom funcionamento de uma RT. De acordo com essa lista, são recomendados itens como escada portátil, escada banquetas, bandejas, cesto, carrinho bandeja e carrinho de armazém. Esses equipamentos também podem ser úteis para o laboratório de conservação preventiva, auxiliando na movimentação de peças entre diferentes cômodos.

Após a implementação das medidas sugeridas, deverá ter início o processo de transferência do acervo para a nova RT.

3.3 Protocolo de transferência do acervo

A transferência do acervo deve ser realizada somente após a catalogação e etiquetagem de todos os itens para evitar perdas e desassociação das peças. Concluída essa etapa, considerando o tamanho do acervo e a dificuldade de transporte das peças, será necessário planejar com antecedência o período da transferência dos bens. Recomenda-se que a instituição reserve um período de sete dias para a reorganização física, a ser previamente comunicado a todos os residentes e funcionários do local. Além disso, é crucial a definição e o treinamento

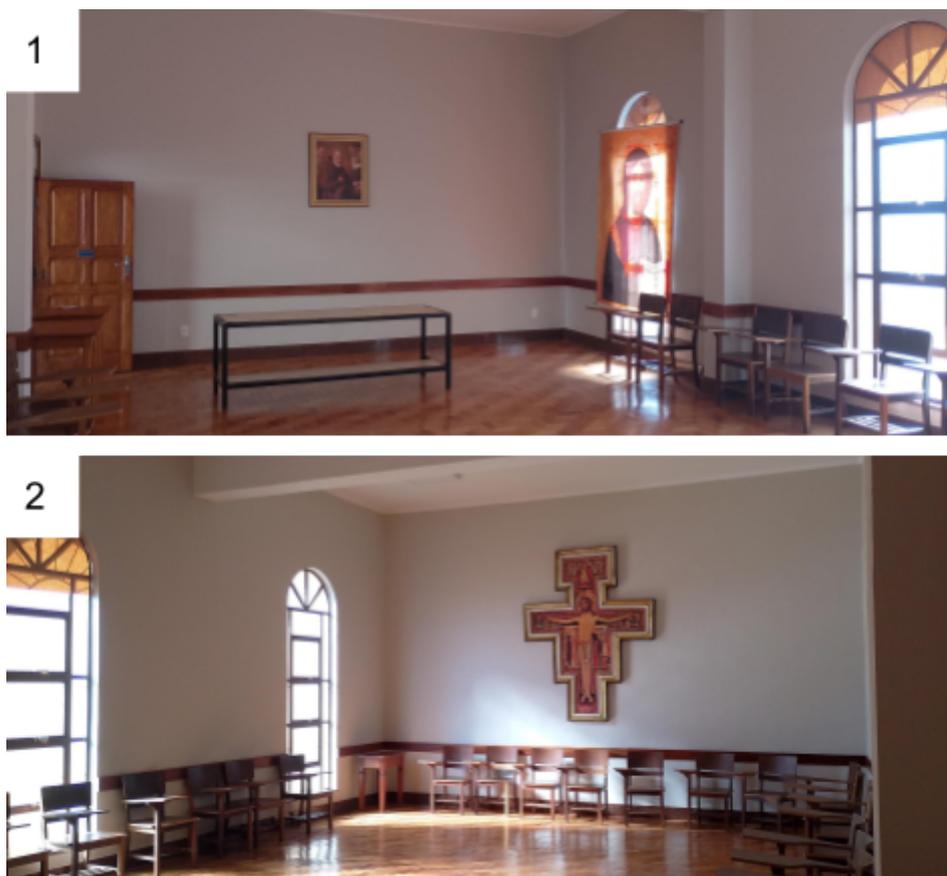
de uma pequena equipe, composta por quatro a oito pessoas, que ao final do treinamento deverá possuir as seguintes características:

Ser comprometida com um objetivo comum; usam linguagem e terminologia comuns; sabem quem deve fazer o que, e quando; as habilidades e conhecimento de todos são bem utilizados; todos reconhecem o líder da equipe e todos possuem os recursos, o apoio e os incentivos necessários para o desempenho de suas atividades. (ICCROM, 2018)

Após o treinamento, é necessário planejar a compra e disponibilização dos equipamentos que serão utilizados durante a reorganização física da RT. A lista sugerida pelo ICCROM (2018) é apresentada no Anexo 3. Dessa lista cabe destacar o equipamento necessário para a movimentação do acervo, um carrinho de transporte. Atualmente é utilizado, para levar as peças, um carrinho de supermercado adaptado com espumas, enquanto o equipamento recomendado seria um carro de carga tipo mesa plataforma.

Durante o período de trabalho, será necessário estabelecer uma “área comum”, um espaço que servirá para o treinamento da equipe, realização de reuniões e momentos de descanso durante o trabalho. Outra área a ser estabelecida é o “espaço de transição”, uma sala temporária que abrigará o acervo assim que for retirado da sala do museu. O espaço sugerido é a sala São Félix (Figura 32). A sala possui 9,3m x 5,5m x 4m, e está localizada no primeiro andar do convento (Figura 34), ao lado da entrada para a RT e é usada pelo convento para reuniões ou exposições temporárias. Esse espaço servirá para que a equipe tenha uma visão geral dos itens e consiga agrupar os itens que serão guardados numa mesma gaveta ou prateleira. Um terceiro espaço a ser sugerido é a área de quarentena para itens contaminados, indicado na Figura 34 em marrom. O espaço sugerido fica no primeiro andar e, atualmente, serve de depósito para os produtos vendidos na loja da recepção.

Figura 32 - Interior da sala São Félix

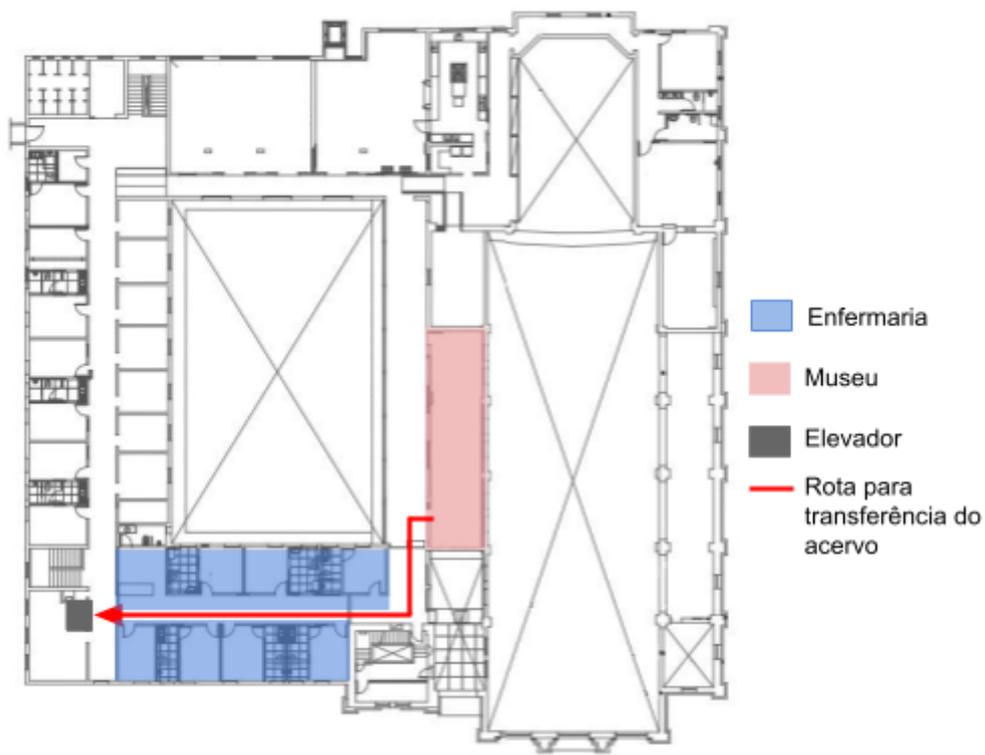


Fonte: Amanda Caralp, 2024.

A rota de transferência mais eficaz, considerando distância e segurança, passa pelo corredor do terceiro andar onde funciona a enfermaria que atende os residentes do convento, indicada na Figura 33 em azul. A comunicação prévia e colaboração com os residentes é essencial para que o corredor possa ser utilizado por todos sem que uma equipe prejudique o trabalho da outra.

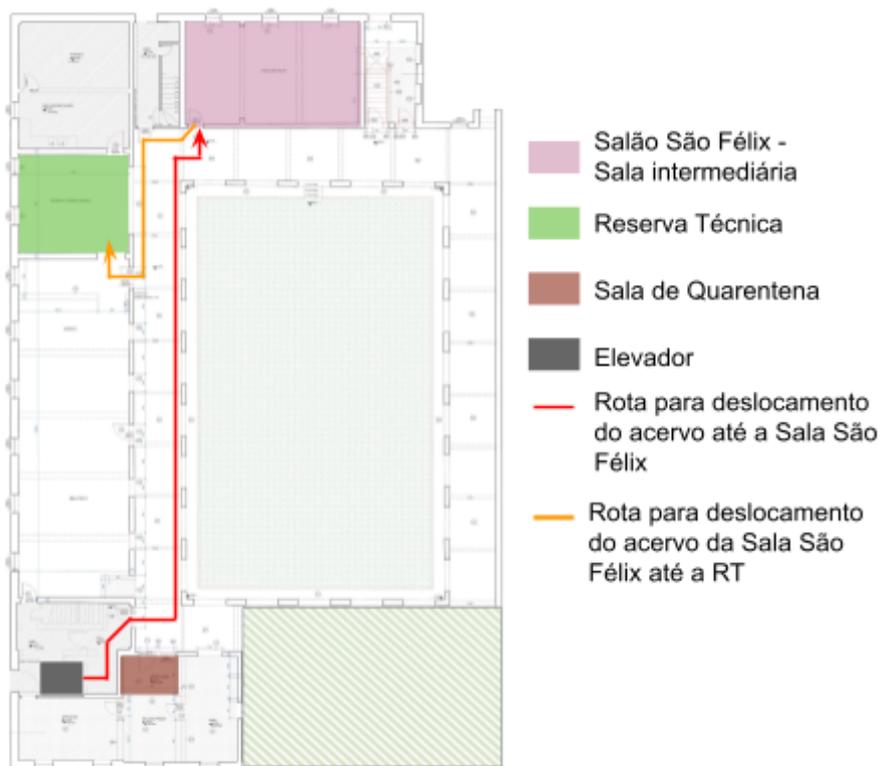
A rota sugerida para a movimentação do acervo está ilustrada nas Figuras 33 e 34, destacada em vermelho. Esta rota prevê que o acervo seja retirado do museu (indicado em rosa), atravesse o corredor da enfermaria (indicado em azul) e seja levado até o elevador (indicado em cinza). Considerando que o elevador possui dimensões de 1m x 1,2m, a equipe precisará realizar várias viagens para transferir todo o acervo.

Figura 33 - Rota sugerida para a movimentação do acervo no 3º andar



Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

Figura 34 - Rota sugerida para a movimentação do acervo no 3º andar



Fonte: Documento cedido PROCAMIG, 2024.

Nesse momento, será necessário separar as peças que apresentam infestações ativas de insetos xilófagos e levá-las para a sala de quarentena.

Ao chegar ao primeiro andar, o acervo saudável deverá ser transportado pelo corredor do claustro até a sala São Félix (indicada em roxo), que deverá estar previamente preparada. Essa preparação pode incluir a disposição de mesas para acomodar as peças ou a utilização de lonas para revestir o piso. As peças deverão ser organizadas por tipologia e tamanho e, a partir das sugestões e estimativas aqui apresentadas e da finalização do inventário atualmente em processo, deve ser definida a designação da localização final dos bens dentro da RT.

Essa localização, por sua vez, está condicionada à especificação, aquisição e instalação do novo mobiliário, incluindo a área destinada aos traineis. É imperativo também considerar a necessidade de realizar uma quarentena do mobiliário recém-adquirido, caso este esteja emitindo contaminantes voláteis, como cheiro de tinta.

Após essa etapa, terá início o processo de deslocamento e ocupação do novo mobiliário na RT. A disposição dos itens no mobiliário deve seguir critérios de preservação, acessibilidade e otimização do espaço. Os itens poderão ser agrupados por categorias, conforme descrito na seção 3.2. Também é necessário considerar seu tamanho, material e necessidade de proteção, pois isso influenciará na confecção das embalagens.

Com a finalização do processo de deslocamento do acervo, a instituição precisará instituir hábitos para a manutenção da sala e dos bens. Será necessário treinar a equipe que trabalhará no museu para reconhecer sinais de degradação nos objetos e infestações de insetos xilófagos, incluindo um treinamento especial para os funcionários que cuidam da limpeza do espaço, para que esta seja feita com segurança e não interfira nas condições dos bens. O responsável pela sala deverá criar rotinas de inspeção dos itens e mobiliário; de manutenção dos aparelhos eletrônicos do recinto; e checagem dos dados coletados por aparelhos medidores de umidade e temperatura. Outra medida a ser tomada é a criação de protocolos em caso de sinistros, como roubos e vandalismo, incêndio, inundações e desastres naturais. Esses protocolos devem ser disponibilizados para os funcionários que, se possível, devem passar por treinamentos específicos para lidarem com essas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados presente neste estudo teve como objetivo fornecer respaldo para a aplicação do método RE-ORG no local. As propostas foram formuladas com base no Método RE-ORG e no roteiro diagnóstico criado por Gonçalves (2020), e foram adaptadas ao contexto desta instituição, visando à otimização dos recursos existentes na PROCAMIG.

Neste trabalho, a primeira etapa da metodologia RE-ORG consistiu na aplicação do documento de autoavaliação elaborado pelo RE-ORG (Anexo 1) e pelo roteiro diagnóstico desenvolvido por Gonçalves (2020) (Anexo 2), seguidos pela coleta de informações sobre a instituição e os espaços que seriam apresentados no Plano de Ação. A segunda etapa consistiu na avaliação e desenho das plantas baixas dos espaços de trabalho, culminando em um relatório sobre as condições dos espaços. No contexto deste trabalho, houve a necessidade de se criar dois relatórios: um para o local onde o acervo se encontra atualmente e outro para o local para onde se pretende transferi-lo. A terceira etapa do Método RE-ORG abrange a implantação do plano de ação elaborado. No entanto, dado que o foco do trabalho foi a avaliação diagnóstica da situação atual e a elaboração de um roteiro passo a passo para a transferência do acervo do MPCMG, os aspectos arquitetônicos relacionados à adequação dos materiais construtivos não foram abordados em profundidade. Para uma análise detalhada desses aspectos, seria necessária a colaboração de um arquiteto.

A proposta apresentada sugere uma série de adequações para a transformação do espaço que abrigará a RT do MPCMG, localizado no primeiro andar do convento de Nossa Senhora da Pompéia. Entre as mudanças sugeridas incluem-se a substituição do piso, a instalação de filtros nas janelas, a correção do sistema de iluminação e a implementação de um sistema de controle climático.

Posteriormente, são recomendados os tipos de mobiliário a serem adquiridos para equipar a sala. Essa recomendação baseia-se nas tipologias dos materiais presentes no acervo e na estimativa da quantidade de itens, propondo que o mobiliário seja compacto e confeccionado em aço galvanizado, entre outras características. Além disso, são apresentados dois modelos para a disposição do mobiliário na sala e quais objetos são mais adequados para cada tipo de móvel.

Finalmente, uma vez adaptada e mobiliada, são apresentadas as sugestões para o transporte do acervo do seu local atual de guarda, situado no terceiro andar do edifício, para a sala no primeiro andar.

A implementação desse projeto dependerá da finalização do inventário do acervo do MPCMG. A posse desses dados atualizados permitirá complementar a proposta, possibilitando a aquisição segura do mobiliário e a confecção de embalagens personalizadas para os objetos. Dependerá também do comprometimento da direção do PROCAMIG com o projeto, sendo recomendável que o mesmo fique devidamente registrado perante os ritos e memórias institucionais e que sejam assegurados os recursos financeiros e humanos necessários para sua execução, não excluindo as parcerias formadas com outras instituições.

A execução desse projeto criará oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas na área da conservação preventiva que explorem a aplicação do Método RE-ORG em instituições similares. Além disso, a implementação do RE-ORG poderá servir como estudo de caso, proporcionando dados empíricos que poderão ser analisados em futuros trabalhos acadêmicos e práticos. Esses dados contribuirão para o aperfeiçoamento da aplicação da metodologia, em instituições religiosas brasileiras, considerando suas características culturais e estruturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT. **NBR 12779**: Mangueiras de incêndio – Inspeção, manutenção e cuidados. 2. ed. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<https://apagextintores.com/arquivos/legislacoes/ABNT%20-%20INSPECAO%20EM%20MANGUEIRAS%20-%20NBR-12779.pdf>> Acesso em 09 de ago. de 2024.

AMARAL, J. R. **Gestão de Acervos**: Proposta de abordagem para a organização de reservas. 2011. 95 p. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

ANTOMARCHI, C; MICHALSKI, S; PEDERSOLI JR, J. **Guia de gestão de riscos para o patrimônio museológico**. Brasília: IBERMUSEUS; ICCROM, 2017.

ANTOMARCHI, C; DEBOULPAEP, M; DE GUICHEN, GI; LAMBERT, S; VERGER, I. **RE-ORG**: Unlocking the Potential of Museum Collections in Storage. *Museum International*, v. 73, n. 1-2, p. 206-217, 2021. DOI: 10.1080/13500775.2021.1956772. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13500775.2021.1956772>>. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

BARROS, J. D. **O Franciscanismo na Idade Média: discussões historiográficas**. Textura: Revista do Centro de Educação, Ciências Humanas e Letras / Universidade Luterana do Brasil, N.16, Jul./Dez de 2007. Canoas: Ed. ULBRA. ISSN 1518-4919.

BRUNÓRIO, R. **Franciscanos no Brasil**: Arte, educação e ciência. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 9, n. 1, jan.-jun., 2016. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/567/295>> Acesso em: 17 de jun. de 2024.

BRUSIUS, M; SINGH, K (Ed.). **Museum storage and meaning**: tales from the crypt. Londres / Nova Iorque: Routledge, 2018. 290 p.

CURIA GENERALIS FRATRUM MINORUM CAPUCCINORUM. **Vademecum para os Bens Culturais da Ordem**. Roma, 2017.

FRONER, Y. **Reserva técnica** (Caderno Técnico 8). Belo Horizonte: IPHAN, 2008.

GONÇALVES, W. B. **Diagnóstico de condições de conservação de coleções:** considerações para desenvolvimento de Protocolos de Acreditação de instituições museais no cenário brasileiro. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. /1, p. 389-412, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1041>>. Acesso em: 03 de mar. de 2024.

GUICHEN, G. **Uma prioridade na conservação preventiva: a reorganização das reservas técnicas.** In: III Curso de Extensão Universitária de Preservação do Patrimônio Cultural: tecnologias e Conservação. Porto Alegre: ACOR-RS, UFRGS, Prefeitura de PoA, 2012.

ICOM-CC. **Commentary on the ICOM-CC Resolution on Terminology for Conservation.** 2008. Disponível em: <<https://www.icom-cc.org/docs/content/ICOM-CC-Resolution-on-Terminology-Commentary.pdf>> Acesso em: 15 de jun. de 2024.

ICCROM – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property. **International Storage Survey 2011** - Summary of results. Roma: ICCROM, 2011. Disponível em: <www.iccrom.org/wp-content/uploads/RE-ORG-StorageSurveyResults_English.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

ICCROM – International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property. **RE-ORG method.** Roma: ICCROM, 2017. Disponível em: <<https://www.iccrom.org/themes/preventive-conservation/re-org/method>>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.

MAGALHÃES, A. C. V. **Conventos.** In: REZENDE, M; GRIECO, B; TEIXEIRA, L; THOMPSON, A. (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbeta). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/25/conventos>> Acesso em: 27 de jul. de 2024.

MASON, R. **Assessing Values in Conservation Planning: Methodological Issues and Choices.** In: DE LA TORRE, Marta; MASON, Randall (ed.) *Assessing the Values of Cultural Heritage.* Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2002. Disponível em:

<https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/pdf/assessing.pdf> Acesso em 18 de jun. de 2024

REMY, L. **Les réserves: stockage passif ou pôle de valorisation du patrimoine?** La lettre de l'OCIM v. 65, pp 27-35, 1999.

RODRIGUES. H. F. **A Valorização dos Bens Culturais da Igreja.** Seminário "Preservação dos Bens Culturais da Igreja do Brasil". Belo Horizonte, PUC Minas, 23 de out. de 2017. Disponível em:

<<https://culturaeducacaocnbb.com/a-valorizacao-dos-bens-culturais-da-igreja/>>

Acesso em: 01 de ago. de 2024.

ROSA, G. **Breve relato dos Capuchinhos em Minas Gerais.** Província Nossa Senhora da Piedade - MG, 2020. Disponível em:

<https://assets-global.website-files.com/5f80b5b80a464bea01433b20/5fb2cf6d21266965feb352fa_MG.pdf>

SANTIAGO, T. **Pompeia de Belo Horizonte: Subsídios históricos.** Belo Horizonte: FUMARC, 2007.

SANTIAGO, T. **PROCAMIG Elenco Biográfico: Subsídio para a história 1936-2000.** FUMARC, 2000.

ZAGONEL, C. A (Org.). **Capuchinhos no Brasil.** Conferência dos Capuchinhos do Brasil, Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda, 2001.